

• A CASA • • DO JOÃO •



REVISTA DE LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL

OUTUBRO 2017

01



FICHA TÉCNICA

Diretor

João Manuel Ribeiro

Subdiretor

Andreia Abreu

(Centro Unesco de Amarante /CCA)

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Bolota / Patrícia Alves

Colaboradores

Carmen Zita Ferreira

Francisco Laranjeira

Gabriela Sotto Mayor

João Vaz de Carvalho

Lúcia Barros

Maria da Conceição Vicente

Natércia Vilariça

Paulo Freixinho

Edição

Tropelias & Companhia

Centro Unesco de Amarante

Centro Cultural de Amarante

Periodicidade

Trimestral

Redação

A Casa do João

Lg. Eng. António de Almeida, 30

3.º andar – Sala DD3

4100-065 Porto

Impressão

Gráfica Vilar do Pinheiro

ERC: 127032

ISSN: 2184-1233

Depósito legal: 433086/17

Outubro de 2017



02 EDITORIAL

O primeiro número

04 UM CONTO POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

“O avô Cangalhas”

Texto inédito de JMR

08 FALÁMOS COM

Entrevista a João Manuel Ribeiro

16 FOMOS VER

Entrevista a João Vaz de Carvalho

24 OS NOSSOS PARCEIROS

Centro Cultural de Amarante

Centro Unesco de Amarante

28 UAU!

O Fenómeno David Walliams

34 LEMOS, GOSTÁMOS E... RECOMENDAMOS!

36 APROVEITA E EXPLORA

Dicas de escrita

39 SAIU NA IMPRENSA

40 A PALAVRA É TUA

Pequenos grandes escritores

42 PARTICIPA NISTO

Passatempo do trimestre

44 PARA BRINCALHARES

48 NOTÍCIAS





EDITORIAL

o primeiro número

“LANÇAR UMA REVISTA
DE LITERATURA INFANTIL
E JUVENIL É UM SONHO...”

Celebro 10 anos de atividade literária. Tudo começou em 2008, com a publicação do livro *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas* e nunca mais parei, tendo já publicado mais de 50 livros, destinados preferencialmente ao público infantil e juvenil. São centenas de páginas repartidas entre a poesia, o meu género predileto, a narrativa, incluindo novelas, contos e aventuras e os jogos poéticos, como adivinhas, trava-línguas e outras brincadeiras.

E porque todas as datas são o pretexto ideal para comemorações, celebradas com a publicação de 3 antologias (*Poemas da Bicharada*, *E para o poeta outro modo de olhar* e *Pó-pó-pó, tiroliriroló*), a renovação do *sítio web*, do *blogue* e das redes sociais e a aposta no mundo audiovisual, através da divulgação mensal de vídeos, designadamente *Entre Aspas* e *Poemário*,



quero falar hoje e aqui do sonho-projeto que a revista que tens nas mãos concretiza.

Lançar uma Revista de Literatura Infantil e Juvenil é um sonho que acalento há já algum tempo. Depois de uma tentativa anterior falhada, de muitas definições e indefinições, eis que chego aqui – à Casa do João.

Sendo um projeto de autor, com a minha impressão digital, tem como objetivo primeiro contribuir para a formação de cidadãos informados, conscientes e participativos bem como estimular a leitura e fomentar o gosto pelos livros no público infantil. Assim, A Casa do João terá um caráter informativo e abrangente e será esclarecedora e atrativa para o público, tendo os mais novos e os seus pais e educadores como público-alvo.

Editada pela *Tropelias & Companhia*, em parceria com o *Centro Cultural de Amarante* e o *Centro Unesco de Amarante*, terá uma periodicidade trimestral, de informação geral, especializada, informativa e didática. Respeitando os princípios consagrados na Declaração dos Direitos da Criança, rege-se por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer sujeição de ordem ideológica e política. Aborda temáticas diversificadas, aposta numa componente gráfica e visual forte, estará disponível em formato *online* e em papel. As normas éticas e deontológicas do jornalismo são escrupulosamente seguidas.

Resta dizer, neste átrio inaugural, com Sebastião da Gama: *Pelo sonho é que vamos...*, na esperança de que cheguemos de uma forma comprometida, mas alegre e despojada, ao coração e à inteligência de muitos educadores, professores, pais e, sobretudo, crianças.

Sejam bem-vindos à Casa do João!

João Manuel Ribeiro



UM CONTO POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

TEXTO INÉDITO

O AVÔ CANGALHAS

Na boca do avô, conto contado era conto trocado.

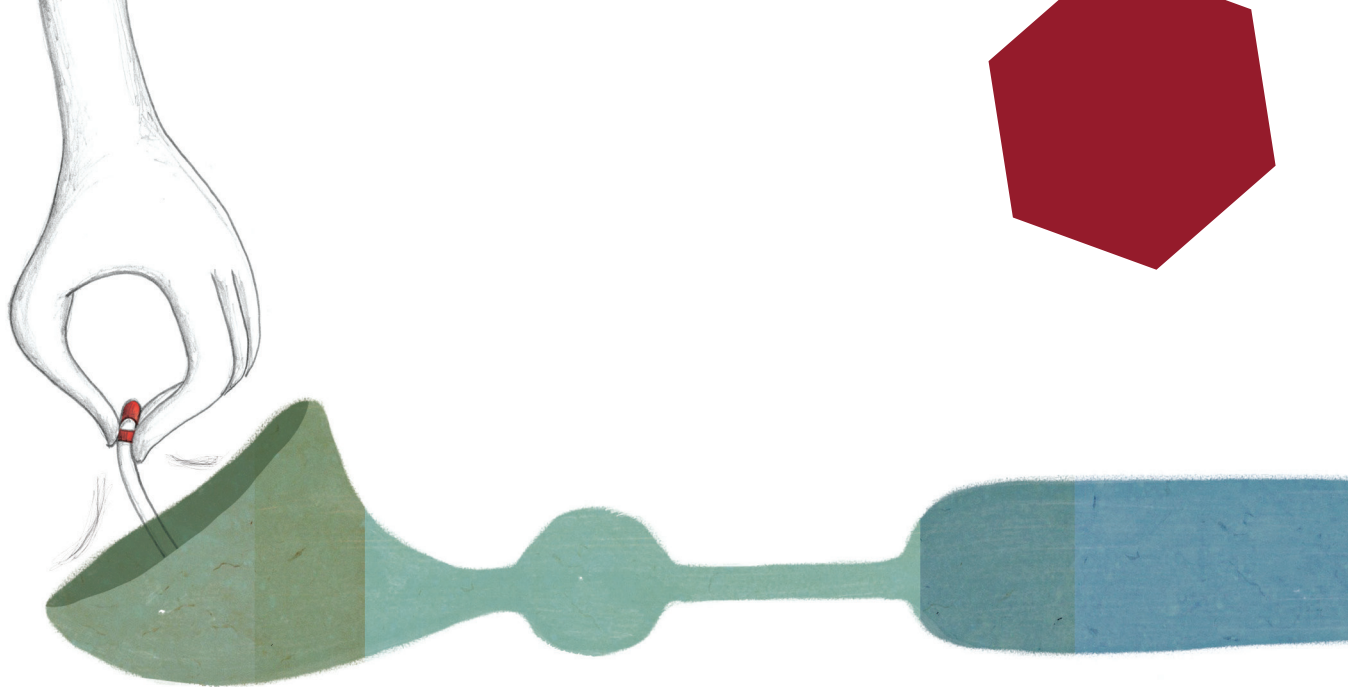
«A Branca de Neve e os sete anões» virava «A Preta de Carvão e sete tições». «A Alice no País das Maravilhas» tornava-se «A Alice no País das Armadilhas». A História d'«A Carochinha e do João Ratão» tornava-se a «História do Carochão e da Joana Ratinha». «O Patinho Feio», coitado, transformava-se em «Fatinho Peio». «O Valente Soldadinho de Chumbo», vergado ao peso do metal, passava a ser «Chumbo medricas de soldadinho». «O Ali Bá bá e os Quarenta Ladrões», - abracadabra -, mudava para «O Ladrão e os Quarenta Ali Babás». «O Capuchinho Vermelho e o Lobo Mau» convertiam-se em «O Lobo Vermelho e o Capuchinho Mau». «A Galinha dos ovos de ouro» transformava-se e a história era agora d' «Os ovos da Galinha de Couro».

Bastava dar guita ao papagaio... e havia pano para mangas!

Quando, seduzidos pelo jogo, perguntávamos ao avô a razão por que contava as histórias de pernas ao ar, a resposta vinha na ponta da língua:

- Se o mundo está de cangalhas, por que razão não hão de estar as histórias?

Nisto de contar histórias, registe-se, o avô não tocava piano com as unhas nem falava a lume de palhas. As personagens que inventava eram, quase sempre, como o cão e o gato que trocavam galhardetes, mas que nos mantinham presos ao curso da narrativa e acabavam sempre por ter um fim inesperado.



- Isso são histórias ao calhas... - sibilava algum de nós, mordendo a isca e cuspidando o anzol, motivado por troça matreira ou acicatado por inveja de parente.

O avô, não sendo homem de pavio curto, explicava, pacientemente:

- Ao calhas? Não, são histórias às cangalhas... Não me deu a sorte o talento de inventar histórias, mas deu-me a arte de pegar nas já contadas e recontadas e pô-las a fazer o pino, a inventar o contrário...

- Inventar o contrário? - perguntávamos, estranhados.

- Sim - dizia o avô como quem conta uma história.

E acrescentava, esmigalhando em minúsculos pedacinhos o sentido do que queria dizer:

- A partir de uma personagem eu invento outra totalmente distinta. Se dado conto diz que tal personagem é branca, eu mudo-lhe a cor da pele e enegreço-a; se é descrita como sendo muito magra, eu torno-a exageradamente gorda; se é alta, eu diminuo-a; se é má, eu adoço-a e mudo-lhe

intenções e sentimentos; se é boa, eu enfureço-a; se é risonha, eu dou-lhe lágrimas sem fim (ainda que de crocodilo); se é muito faladora, eu coso-lhe a boca ou arranco-lhe a língua; se é preguiçosa, eu faço-a esforçada e trabalhadora. Se uma personagem é real, eu transformo-a num fantasma e sé um fantasma ou um monstro, eu torno-a real. Se a personagem é uma pessoa, eu mudo-lhe a natureza e torno-a um animal ou um objeto ou até uma ideia ou um sonho; se é um animal ou um objeto, eu dou-lhe aparência de gente. E sinto que as personagens gostam deste meu jeito de as transformar e se agigantam!

O espaço e os lugares das histórias também sofrem com a minha mão de feitor de contrários. Se a história se passa no chão, eu coloco-a no céu; se ocorre na serra, eu molho-lhe os pés no mar; se está no campo, eu levo-a para a cidade. Se ocorre no mundo da fantasia, eu ponho-a nos quintos dos infernos ou nos chifres da realidade. Se se tece nos bastidores, eu trago-a para a luz do dia.

O tempo também não escapa à minha arte de dismantelador de relógios. Se a história conhecida vive em séculos antigos (no «Era uma vez» ou no «Reza a lenda





que...») eu mexo os pauzinhos e ofereço-lhe a imensidão do futuro. O invés também acontece. Em histórias que falam do futuro, eu invento cruzeiros e cunhos para as enviar para as calendas gregas ou para o tempo dos Afonsinhos.

Os acontecimentos e as ações são o cabo dos trabalhos, mas também aqui - Ó, tu que fumas! - passo a velha história a pente fino e dou-lhe cabelos e barbas novas. Pelas tralhas ou pelas malhas, adoro descontinuar o conhecido, pôr a faca no peito de velhas lendas e fazer jorrar sangue novo, colocar o estranho ou bizarro nos carrapitos da lua, acender o fogo da canjica e queimar nele as mãos, armando sarilhos e precipitando acontecimentos. Ao tornar travessas as ações nas histórias, eu quero apenas semear raios e coriscos no coração dos ouvintes, para ralar o juízo ou rir a bandeiras despregadas.

As palavras do avô eram música para os nossos ouvidos. Escapava-nos o sentido profundo das suas explicações, mas sabíamos que era um coração lavado e sentíamos - um sentimento de contos ouvidos feito - que tinha sempre nas mãos as rédeas de cada história que contrariava. Para nosso espanto - melhor seria dizer para as cócegas que o avô fazia aos macaquinhos do nosso sótão - havia ainda um trunfo na manga, sobretudo quando os finais ao contrário não eram felizes ou eram completamente estapafúrdios:

- Pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita!

A verdade verdadinha é que o avô, não sendo um burro carregado de livros, tornava as histórias requentadas em histórias das arábias, histórias rocambolescas, histórias sem pés nem cabeça - mas histórias dos pés à cabeça! E, para nós, eram histórias de ouvir e chorar por mais...

A avó, para quem o avô era um livro aberto, foi quem melhor lhe resumiu as artes de contador:

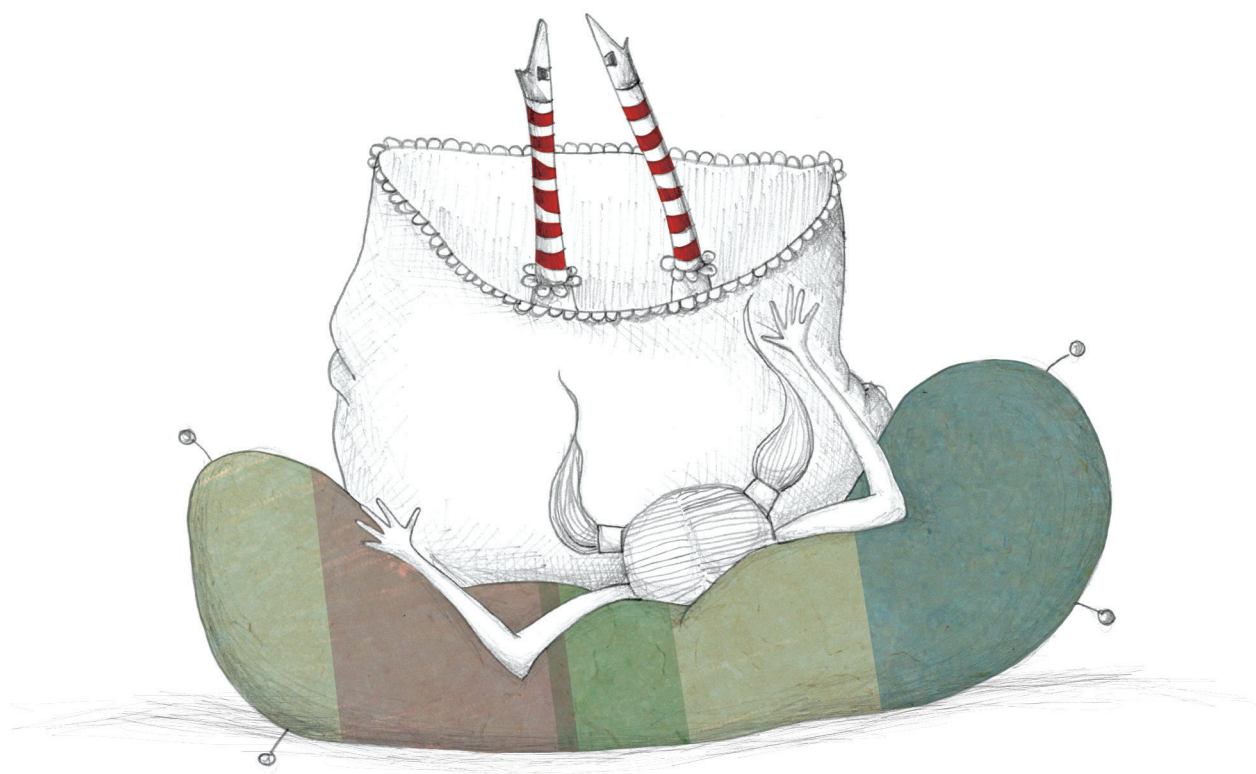
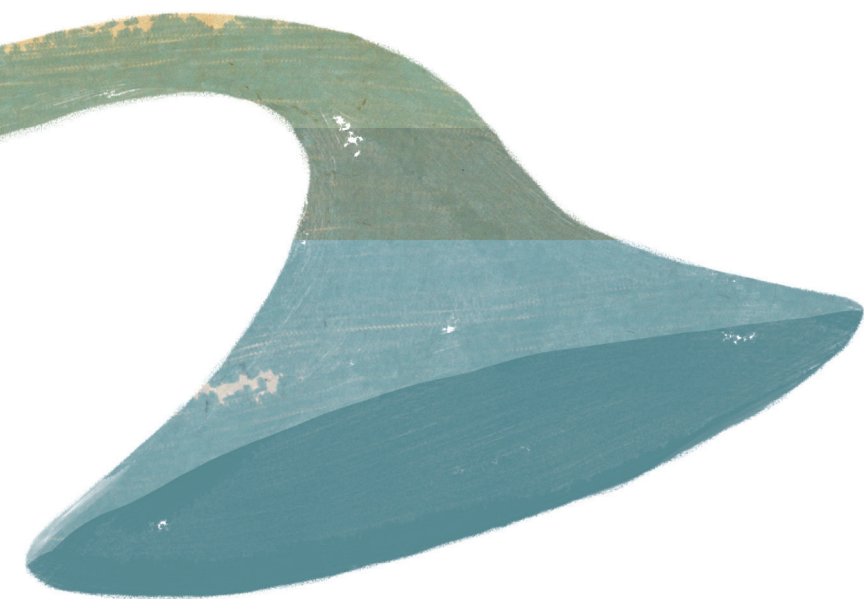
- O avô é que está de cangalhas!

Desde então passamos a chamar-lhe, sem mais cá nem mais lá,

«Avô Cangalhas!»

UM CONTO POR DIA...

TEXTO:
**JOÃO MANUEL
RIBEIRO**
ILUSTRAÇÃO:
BOLOTA



FALAMOS COM...



Fotografia: António Rilo

JOÃO MANUEL RIBEIRO

entrevista

O CERTO PELO INCERTO, O “HAVER” PELO PRAZER

Volvidos 10 anos desde que nos brindou com o *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas*, o primeiro livro de poemas, nas entrelinhas o público já conheceu mais de 50 obras de João Manuel Ribeiro, destinadas preferencialmente ao público infantil e juvenil.

Assume-se um andarilho que gosta de andar de um lado para o outro, desde que esteja sempre bem acompanhado.

Mas haverá melhor companhia do que a dos livros? Alguém que percorre connosco as páginas da vida e nos leva pelo mundo sem pedir nada em troca? Disposto a ser tocado e trocado a qualquer instante e momento, sem contestar? – perguntamos nós. Não, mas é claro que não!

Os livros e o João Manuel confundem-se! Desde 2008 que percorrem caminhos paralelos. Com mais de 10 obras recomendadas pelo PNL – Plano Nacional de Leitura, o autor apenas pede aquilo que a vida lhe quiser dar. Sem grandes ambições, confessa que nesta curta, mas preenchida carreira, já mudou muito e o mundo dos livros também não escapou às mudanças. Vislumbra um futuro sorridente, com edições estrangeiras prontas a sair da gaveta e deixa-nos a promessa de “também” escrever, em breve, para adultos!

- 10 anos e agora? O que fica do que passou e o que pode o público esperar para os próximos 10?

Isso mesmo! 10 anos e agora? Do que passou ficam os livros com as suas histórias, os seus poemas, as suas brincadeiras e ficam também os muitos encontros com alunos em escolas e bibliotecas de quase todo o país. Creio, sinceramente, que isto é o mais importante e assinalável destes 10 anos de atividade literária, destinada sobretudo ao público infantojuvenil.

Dos próximos 10, além de mais livros e mais encontros com alunos, não sei o que pode esperar-se. Talvez o melhor seja não esperar nada mais. O que vier, de vida literária, será bem-vindo.

- É escritor mas é, sobretudo, poeta. Ser escritor está ao alcance de qualquer um, mas e poeta? Como é ser poeta?

Sim, sobretudo poeta, porque a poesia é o que melhor me diz e a forma em que melhor me digo e capto a estranheza do mundo. Não há “uma” forma de escrever poesia e/ou de ser poeta e é difícil encontrar uma definição do que seja um poeta, a não ser que seja para dizer o que o poeta/a poesia não é. Isto é relevante porque permite-nos dizer que tal texto é poético ou não e que o seu autor é um poeta e não simplesmente escritor. Considero-me um poeta, mesmo quando escrevo contos ou narrativas, porque tento conferir a tudo o que escrevo uma forte densidade metafórica. Reconheço que há romances que são um

longo poema. Dito isto, acrescentaria que o que seja ser poeta foi magistralmente dito por Florbela Espanca, no soneto “Ser Poeta” (popularizado pelos Trovante, com o título “Perdidamente”).

- Como se sente por ao longo destes 10 anos ter quase 50 obras no mercados e 1/4 dos seus livros ser recomendados pelo PNL? Quando se sabe que as recomendações são feitas por uma comissão científica e isenta e cujos critérios estão relacionados com a qualidade da escrita...

A recomendação dos livros pelos responsáveis do Plano Nacional de Leitura é apenas um reconhecimento da qualidade dos livros que escrevo. Claro que fico agradado por ver tantos livros recomendados, mas entendo isso apenas como uma distinção ao trabalho realizado, não lhe atribuindo nenhuma ênfase especial. Os livros mais (re)conhecidos, até internacionalmente, como por exemplo o *Meu avô, rei de coisa pouca* e o *Poemas para Brincalhar* não estão recomendados e nem por isso deixaram de fazer o seu caminho. De qualquer modo, fico agradado e honrado por ter tantos livros recomendados pelo PNL.

- É a escrita que surge na vida do JMR ou foi atrás dela?

Ambas as coisas. A escrita surge na minha vida, em primeiro lugar, pela audição das cantilenas, lengalengas e histórias de matriz tradicional que me contou o meu avô e só mais tardiamente pelo acesso aos livros. Daí a





FALÁMOS COM...

*“Gosto do encontro,
olhos nos olhos.”*

escrever, a querer replicar os modelos com os quais contactei e encontrar o “meu” caminho foi um passo inevitável, mas também atrás do qual corri, aperfeiçoando as técnicas de escrita e, sobretudo, “aguçando” olhar para entrever o novo e inédito em cada coisa.

- O seu percurso está inevitavelmente ligado às escolas. Fale-nos deste contacto olhos nos olhos com os leitores...

Repito-o: eu gosto de me encontrar com os (meus) leitores, em escolas e bibliotecas. Gosto do encontro, olhos nos olhos. Gosto de apalpar o pulso à adesão ao que escrevo e isso percebe-se pelas perguntas que me fazem, pelos trabalhos que me apresentam, pelo entusiasmo com que me recebem e falam comigo. Gosto de pensar (e constatar) que os pequenos leitores são inteligentes e capazes não só de identificar as personagens e as características de um texto, mas são capazes de fazer inferências e pensar autonomamente a partir do texto lido.

Gosto ainda de visitar escolas, porque, não raras vezes, os episódios, as palavras e as perguntas que me fazem tornam-se matéria-prima para novas histórias, como já aconteceu com alguns contos que escrevi e publiquei.



A
O
AR



“Escrever para crianças é muito exigente, pela atenção que é necessário dar-se ao que se escreve...”

- Como é ser escritor em Portugal e viver só disso? Era professor universitário, mas agora dedica-se em exclusivo ao mundo literário, com a sua editora também...

Em Portugal (e se calhar em qualquer outra parte do mundo), é complicado viver só da escrita, em geral, e ainda mais difícil viver só da escrita para a infância. A minha dedicação exclusiva à literatura é uma opção arriscada, mas consciente. É, em certo sentido, trocar o certo pelo incerto, o “haver” pelo prazer. Trata-se de, como costuma dizer-se, ter o prazer de trabalhar no que se gosta. E quando isso acontece as dificuldades superam-se.

- O que mudou desde o início até agora? O que mudou no mundo dos livros e o que mudou em si?

Mudaram muitas coisas.

Em primeiro lugar, mudei eu: cresci, aprendi a escrever melhor (acho), aprendi a respeitar os pequenos leitores e as suas especificidades e exigências, aprendi a valorizar e a desvalorizar detalhes e opiniões. Aprendi a estar com os pequenos leitores. Aprendi a situar-me no “meio literário”.

Em segundo lugar, no mundo dos livros, e concretamente dos livros infantis, mudaram muitas coisas: nasceram e morreram muitas novas editoras de literatura para a



FALAMOS COM...



infância, aumentou a quantidade de pessoas a escrever para crianças, houve um maior cuidado na ilustração, com muitos novos e bons ilustradores, e no grafismo dos livros. Foi decrescendo a importância e/ou o lugar do texto face à ilustração ou imagem (mesmo) nos livros de literatura infantil e (até) juvenil. Assumiu-se o álbum ilustrado (*picture book*) como o predileto dos leitores, mediadores e do próprio mercado livreiro. Aumentaram também as traduções de bons livros estrangeiros para crianças e não só.

- JMR é definitivamente um escritor de literatura infantojuvenil, mas também já lançou algumas obras para adultos. Já pensou em dedicar mais da sua obra aos mais velhos? Ou escrever para crianças é mais desafiante e exigente?

Escrever para crianças é muito exigente, pela atenção que é necessário dar-se ao que se escreve, na medida em que tem de haver um ajustamento entre a escrita e as capacidades de “compreensão” daqueles para quem se escreve. Com isto não quero dizer que haja temas tabus ou inapropriados para crianças, mas apenas que o tratamento de tal tema, num livro para crianças, reclama um trabalho (sensibilidade?) do escritor/poeta que, em certo sentido, o (des)limita.

Há muitos textos (poemas, contos, narrativas) que escrevi para crianças que podem inscrever-se seguramente no âmbito do que se designa de literatura para adultos. Mas eu guardo o desejo de, um destes dias, escrever um romance (para adultos, mas não só). Não sei se terei tempo e disponibilidade interior para o fazer, mas gostaria...

“Leio todos os dias para o meu filho, poemas e pequenas histórias. Com ele sentado no meu colo, às vezes com a cabeça recostada no meu ombro.”

- Qual a importância da leitura nas crianças? Tem um filho de 3 anos... lê historinhas ao deitar ou “casa de ferreiro, espeto de pau”?

Leio todos os dias para o meu filho, poemas e pequenas histórias. Com ele sentado no meu colo, às vezes com a cabeça recostada no meu ombro.

Estou convencido que dois ou três minutos de leitura diária para os mais pequenos é absolutamente fundamental, por múltiplas razões: afetivas, emocionais, lúdicas, mnemónicas, vocabulares, linguísticas, cognitivas, entre tantas outras. Sobre cada uma destas vantagens da leitura, poderia dissertar longamente, mas o melhor mesmo é testá-las ou comprová-las na realidade: lendo para/com nossos filhos.



- Fale-nos do processo de escrita: 90% inspiração e 10% de transpiração ou afinal é preciso transpirar muito?

Essa percentagem é um chavão, que se tornou um lugar comum. No entanto, é verdade que há inspiração, aquele momento em que a ideia (te) nasce e a colocas no papel, e depois há um trabalho necessário de revisão e aperfeiçoamento para que o texto possa captar a atenção graciosa do leitor. Há um poema da Teresa Guedes, intitulado *Rimar*, que costumo citar para mostrar como é ou como se faz o processo de escrita e que diz: [A professora] “Explicou-nos que campeão é aquele que escreve / um poema ao sabor do prazer e da emoção / E só no fim o vai rever e aperfeiçoar, até ele tilintar.” (ver página 36)

Voltando à percentagem, há vezes em que o texto fica como saiu e ganha a inspiração; outras há em que, do que foi escrito ao sabor do prazer e da emoção, resta apenas a ideia e ganha a transpiração.

O que me parece importante salientar é que, na maioria dos casos, escrever, mesmo com muita inspiração, é sempre trabalhoso, exigindo quase sempre o labor de rever e aperfeiçoar. Mas este é um trabalho que, a mim, dá-me imenso prazer.

FALAMOS COM...

João Manuel Ribeiro





FOMOS VER...

JOÃO VAZ DE CARVALHO

PARA MIM O PRINCÍPIO
SUBJACENTE À CRIAÇÃO DE
QUALQUER IMAGEM É O DO
PRAZER.

JOÃO VAZ DE CARVALHO

nasceu no Fundão, Portugal, em 1958. No início dos anos 80 trabalhou na oficina do Mestre Vasco Berardo, em Coimbra. Mais tarde, já em Lisboa, dedicou-se em exclusivo, primeiro à pintura e depois também à ilustração. Desde então, integrou dezenas de exposições, individuais e coletivas, e participou em várias feiras de arte contemporânea. Simultaneamente, na qualidade de ilustrador, colaborou com muitos dos títulos da imprensa portuguesa e ilustrou dezenas de livros, tendo títulos publicados em Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça, Inglaterra, Brasil, China e Coreia do Sul. Participou também em inúmeras exposições de referência na área da ilustração, em Portugal e no estrangeiro. Realizou projetos em áreas distintas, que vão desde a cerâmica até ao desenho de marionetas para teatro. As suas inconfundíveis figuras humanas têm conquistado diversos prémios, entre os quais se destacam: 1º Prémio Ilustrarte 2005, Portugal; 1º Prémio Tapirulan 2011, Itália; 1º Prémio Caricatura World Press Cartoon 2011, Portugal; Communication Arts Award of Excellence 2012, EUA; White Ravens 2013, Alemanha. Grand Prix of The Golden Pen of Belgrade Award, 2013, Sérvia; 3x3 Winner, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, EUA; Creative Quarterly Winer, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017, EUA; Hiii Illustration Jury Award 2015, China. Applied Arts Photography & Illustration 2017 Winner, Canadá.



Quem é o João Vaz de Carvalho em 7 palavras?

Não sei como responder a essa pergunta. Estou mais habituado às imagens...

Fale-nos um pouco do seu já reconhecido percurso e sobre os trabalhos que agora está a fazer...

O meu longo caminho começa nos anos 80 quando realizava exposições quase consecutivamente. Na altura essa era a única forma que tinha de divulgar o meu trabalho. Fazia-o também por uma necessidade real de sobrevivência, pois desde o princípio tive o sonho (e a ambição) de me dedicar por inteiro à pintura e de viver do meu próprio trabalho. Percorria o país de norte a sul à procura de galerias e de outros espaços que me abrissem as portas para fazer exposições ou que aceitassem algum tipo de colaboração. Essa busca foi importante porque fui conhecendo muita gente e, ao mesmo tempo, ganhando uma noção mais real das dificuldades que me esperavam e do modo como as ligações no meio artístico funcionavam. Depressa percebi que era fundamental ter o apoio de alguém bem inserido no meio, que me pudesse proporcionar as condições mínimas para pintar com alguma tranquilidade e, se possível, vendesse o trabalho que produzia. Como era em Lisboa que quase tudo acontecia, naturalmente foi lá que as melhores possibilidades surgiram. A Galeria Altamira, uma referência naquela época, felizmente abriu-me as portas a uma colaboração regular e depois tudo passou a acontecer de uma forma mais profissional, com a realização de exposições individuais e coletivas bem organizadas, bem como com o acesso e a participação em feiras de arte que proporcionavam uma grande visibilidade.





FOMOS VER...

Relativamente ao que estou a fazer neste momento, está patente até finais de outubro uma exposição minha de trabalhos independentes, de pintura e desenhos, na Galeria Trema, em Lisboa, intitulada “Lições de Voo”. Também os primeiros trabalhos de um novo projeto independente, já estão a nascer e deverão resultar numa nova exposição lá mais para 2018.

Livros, tenho alguns em mãos em várias fases, dois deles prestes a sair, *O Rapaz do Nariz Comprido e Outros Contos* de Luísa Ducla Soares, a ser publicado pela “Livros Horizonte” e um outro de poemas musicados para crianças, de José Jorge Letria, cantados por Daniel Completo a ser publicado pela “Canto das Cores”. Estou também a terminar os esboços para um texto de um autor sul coreano, Rury Lee, que será publicado na Coreia do Sul em 2108 pela mão da editora Book Good Come. Há mais alguns desafios, designadamente a ilustração de um texto de Maria da Conceição Vicente, para a *Trinta por Uma Linha*, este ainda numa fase embrionária.

FOMOS VER...

Quando e como percebeu o seu talento para as artes visuais? Só começou a pintar aos 27 anos...

Digamos que esse “meu talento” tem vindo a construir-se a pouco e pouco. Não houve um momento “ena, eu sou bom a fazer isto” mas sim uma grande determinação em dedicar-me a fazer algo que realmente me apaixonava. Desde sempre tive a ideia fixa de fazer algo original e independente a que me pudesse entregar de alma e coração. Mas a tomada de consciência de que poderia escolher o caminho da pintura como forma de expressão foi bastante tardia e pouco provável. É preciso ver que nessa altura a minha experiência era muito limitada pois apenas possuía alguma na pintura cerâmica. Para se compreender melhor esse meu começo, devo dizer que tinha uma profissão que não deixava adivinhar a escolha que viria a fazer. Trabalhava num estúdio de gravação, um trabalho que apesar de interessante apontava um caminho muito diferente. Mas como não me sentia realizado, veio o momento em que me dispus a correr os riscos e abandonei tudo e fui para casa pintar. Aí aprendi uma lição, a de que a voz da razão nem sempre tem razão, às vezes a da paixão tem mais.

O que mais o realiza: pintar ou ilustrar? Ambas são muito gratificantes, mas requerem abordagens diferentes.

A pintura dá-me uma liberdade muito grande escolha, posso decidir qual a história visual que quero contar. Tal como um escritor opta por contar uma história e não outra, eu escolho também o meu rumo através da pintura, podendo redefinir constantemente o caminho a seguir. Muitas vezes o ponto de chegada não foi previsto e nem por isso,

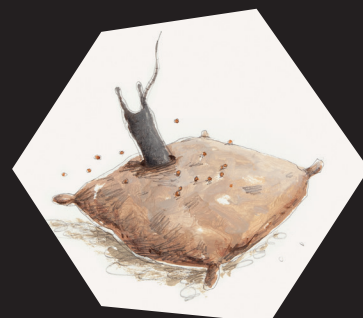
no final, o trabalho deixa de ser coerente e válido. Esse é um dos aspetos mais sedutores do trabalho livre. Digamos que estou apenas entregue a mim próprio e às minhas limitações.

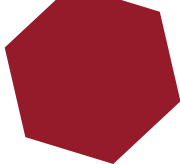
No caso da ilustração é bastante diferente, devo usar a criatividade para construir imagens com base num argumento de outro autor, um texto por exemplo, estando assim perante um mundo não necessariamente próximo do meu e ao qual devo acrescentar a minha própria interpretação visual. Pela sua natureza é um trabalho mais limitador, podendo, no entanto, ser muito estimulante quando se encontra uma boa sintonia com o texto e o mundo imaginário do escritor.

Partindo do pressuposto de que a ilustração infantil é considerada uma forma de expressão gráfica que acompanha e integra o desenvolvimento da personalidade da criança, que análise faz à influência que poderá ter, por via do seu trabalho, juntos dos mais novos? É uma grande responsabilidade...?

Para mim o princípio subjacente à criação de qualquer imagem é o do prazer. Tudo o resto resulta disso. Tento fazer o meu trabalho de forma honesta dando o meu melhor. Se uma ilustração minha adquire a capacidade de

“Se uma ilustração minha adquire a capacidade de tocar a sensibilidade das crianças, isso deve-se à verdade que ficou contida nas imagens...”





tocar a sensibilidade das crianças, isso deve-se à verdade que ficou contida nas imagens e nunca a qualquer fórmula absurda para lhes chegar perto. Não acredito nisso. Só me sinto responsável pela sensibilidade que sou capaz de despertar ou não.

“Há muito tempo que a ilustração portuguesa chamou a atenção de editoras estrangeiras.”

É possível falar de bons e maus ilustradores? Como avalia a ilustração que se produz em Portugal? Afinal de contas estamos a falar de uma forma de expressão artística que tem em Portugal e na Europa tradições ancestrais...

Sim, acho que há boa e má ilustração, tal como em qualquer outra área, é natural. A ilustração em Portugal tem tido um desenvolvimento incrível na última década, o que é muito estimulante. Julgo que há uma boa razão para isso, é que a qualidade do trabalho que se produz por cá, está ao nível do que melhor se faz no mundo. Um país com a nossa escala possui uma quantidade impressionante de ilustradores excepcionais. Não sei se isso tem paralelo em outros países. Há muito tempo que a ilustração portuguesa chamou a atenção de editoras estrangeiras. Esse interesse tem-se concretizado na publicação do seu trabalho nos



mais variados países e em muitos idiomas. Também algumas editoras portuguesas evoluíram muito, destacando-se por uma cada vez maior preocupação com a qualidade estética dos livros que publicam. Desta forma, vêm-se afastando de uma produção de qualidade medíocre que vinha dominando e que relegava a ilustração para um mero papel acessório. A participação destas editoras portuguesas nas feiras internacionais tem sido regular e isso também tem contribuído para uma maior visibilidade da nossa ilustração. É significativa a constante atribuição de prémios ao trabalho de ilustradores portugueses nos mais diversos e prestigiados concursos por todo o mundo. Não se trata de casos esporádicos. Acontece constantemente e já deixou de ser notícia. A ilustração portuguesa está de muito boa saúde.

Como foi ter ilustrado “A Casa do João” de João Manuel Ribeiro?

A Casa do João é uma evocação das memórias da infância que nos é passada sob a forma de lengalengas. Depois de ler os divertidos textos de João Manuel Ribeiro e de deixar repousar as ideias, senti que queria fazer algo mais despojado do que habitualmente vinha fazendo. Resultou num conjunto de ilustrações muito limpas e de rápida apreensão. O fundo imaculadamente branco do papel sublinha o desenho a lápis subjacente à imagem e expõe algumas características e hesitações na construção do desenho. Foi uma abordagem nova e que ainda hoje utilizo por vezes nos meus trabalhos.

FOMOS VER...

João Vaz de Carvalho



OS NOSSOS PARCEIROS

O Centro Cultural de Amarante e o Centro Unesco de Amarante **APRESENTAM-SE...**

Fundado a 3 de Dezembro de 1981 por Maria Amélia Laranjeira, o Centro Cultural de Amarante – CCA – Conservatório de Música e Dança Maria Amélia Laranjeira surge do gosto e interesse pessoal da fundadora pelas artes e pela promoção cultural. Maria Amélia Laranjeira exerceu, até 1996, o cargo de diretora da instituição dando vida e corpo a inúmeros projetos culturais e educacionais em diversas áreas.

“Desde a sua fundação que o Centro Cultural de Amarante pretendeu ser um elo entre os seus associados e a população em geral, criando assim condições para a execução de programas e projetos que reafirmem os objetivos da sua fundação”, começa por mencionar Francisco Laranjeira, atual presidente do CCA.

O CCA apresenta-se como um espaço de referência no Ensino Artístico Especializado de Música e Dança. A inauguração das atuais instalações foi a 9 de Agosto de 2008. Um novo e moderno equipamento escolar e cultural, que outrora foi a Antiga Cadeia Comarcã de Amarante, um edifício histórico dos finais dos anos quarenta, localizado na zona norte da cidade.



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



Centro UNESCO de Amarante
Amarante UNESCO Center

Formar para a empatia, fomentar a participação, capacitar para a valorização – assim se apresenta a missão do CCA.

“O Conservatório trabalha e trabalhará para ser reconhecido como organização de referência nas relações com a comunidade onde se insere, no combate ao insucesso e ao abandono escolar e na promoção de uma cultura de esforço e exigência, de valores e de princípios de justiça, igualdade, respeito pela diferença e solidariedade”, prossegue o presidente da associação. “Confiamos no papel fundamental que devemos exercer na formação de cidadãos com espírito crítico, reflexivo e democrático, pelo que temos como princípio o exemplo da nossa equipa como estruturante na missão”.

O Conservatório de Música e Dança do Centro Cultural de Amarante, enquanto ator de promoção educativa, formativa e sociocultural, é um reflexo da sua localização, da sua mais-valia territorial e do diálogo com a sociedade local. “Nunca é demais lembrar que o Centro Cultural de Amarante Maria Amélia Laranjeira é uma associação sem fins lucrativos e de utilidade pública, por despacho do Primeiro-Ministro, de 12 de Julho de 1990”, frisa, orgulhoso. Desde a sua fundação o Centro Cultural pretendeu criar condições físicas e estruturais para a execução de programas e projetos que reafirmassem os objetivos base da sua fundação, tendo por base três eixos: **Educação** - em que o Conservatório de Música e Dança se apresenta já como um espaço escolar de referência do Ensino Artístico Especializado, em regime oficial, com autonomia pedagógica e cursos livres; **Social** - com diversos projetos que, através da música e da dança, dão resposta a determinados problemas e questões sociais, nomeadamente “Orquestra Energia” e “Dança Nova Geração” e **Cultural** - com atividades, de diversas áreas que, numa fusão com o Conservatório e com o recentemente criado Centro UNESCO de Amarante, realiza ao longo do ano.





A Orquestra Energia e a Dança Nova Geração são projetos que promovem a inclusão social através da música e da dança, permitindo a reintegração em ambiente escolar de crianças e jovens que se encontram em maior vulnerabilidade educativa e social, funcionando como estratégia de apoio à sua integração.

Destaque ainda para o projeto de ensino artístico no pré-escolar EDUC'ART. Direcionado para a primeira infância, leva a aula de música e dança diretamente ao infantário, tornando a aula num espaço de criatividade.

A Orquestra Energia e a Dança Nova Geração são convidados para Galas, cerimónias, eventos, espetáculos e concertos, sendo muitos solidários, dentro e fora de Amarante. Participa, anualmente, num intercâmbio com uma Escola de Peyehorade, uma cidade francesa. A Orquestra Energia realiza periodicamente intercâmbios e estágios com as Orquestras Energia de Mirandela e Murça. De salientar os concertos realizados pela Orquestra em Paris e no Brasil e outros realizados em grandes palcos nacionais: Casa da Música, Fundação EDP, Fundação Calouste Gulbenkian, Aula Magna e MAAT.

Os projetos centram todos os seus objetivos no contexto social e educacional do seu público-alvo, crianças e jovens que vivem em risco de exclusão social, com problemas de insucesso e abandono escolar e que são provenientes de meios socioeconómicos mais desfavorecidos. “Procuram dotar as crianças de ferramentas que as auxiliem a expressar-se através da música e da dança, conseguindo desenvolver autoconfiança e conhecimentos necessários que lhes permita ter um crescimento mais equilibrado proporcionando-lhes melhores perspetivas para o futuro” – e isso é o que nos move.

A área da cultura é transversal às outras áreas de ação do CCA, uma vez



que contribui para a realização da sua missão e dos seus objetivos. Espetáculos de música, dança, teatro, congressos, palestras, colóquios, seminários, concertos, masterclasses, lançamentos de livros, audições, visitas de estudo, exposições de pintura e escultura, exibição de filmes, recitais, celebração de dias internacionais, bailados, estágios e intercâmbios com outros Conservatórios, *workshops*, aulas abertas, debates, feiras e festivais são atividades culturais desenvolvidas como meio de diálogo, de circulação de ideias, de promoção da capacitação e de acesso à informação, de e para os alunos do Conservatório e para toda a comunidade.

Em jeito de conclusão, Francisco Laranjeira aponta ainda dois grandes projetos: o Festival/Concurso Internacional de Guitarra que vai já na terceira edição e que traz a Amarante o melhor do mundo da guitarra e o Centro Unesco de Amarante. O CCA é Centro Unesco de Amarante desde 9 de agosto de 2017. Os Centros ou Clubes UNESCO são grupos de pessoas (associações sem fins lucrativos, ONG, escolas, universidades, fundações, círculos culturais, sociais e administrativos da comunidade), de todas as idades, todos os horizontes, de todas as condições, que acreditam nos ideais da UNESCO e desejam apoiar a Organização na sua missão. Estas estruturas têm como objetivo promover a UNESCO e os seus Programas, propagar os seus ideais através de atividades inspiradas nas atividades da Organização, contribuir para a formação cívica e democrática dos seus membros, apoiar os Direitos Humanos, favorecer a compreensão internacional e o diálogo entre os povos, difundir informação relativa à UNESCO junto do público, a nível local. Em suma, constituem-se como um prolongamento da ação das Comissões Nacionais.

OS NOSSOS PARCEIROS

As suas funções podem resumir-se em três palavras: **FORMAÇÃO** dos seus membros, das comunidades locais e do público em geral, através das atividades desenvolvidas; **INFORMAÇÃO** sobre as atividades, efemérides e projetos da UNESCO e demais organizações das Nações Unidas e **AÇÃO** como resultado lógico da formação e informação, debates, conferências, seminários, jornadas, comemorações, organização de diversas atividades culturais, viagens, entre outras realizações.

A cerimónia de assinatura do protocolo de cooperação, entre a Comissão Nacional da UNESCO e o Centro Cultural de Amarante, contou com a presença de Anna-Paula Ormeche, da Comissão Nacional da UNESCO – Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Presidente da Câmara Municipal de Amarante, José Luís Gaspar.

Para breve trecho, o CCA tem em curso um protocolo com a UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a certificação da viola amarantina e a certificação UNESCO para a dança.





UAU!

O FENÓMENO

David Walliams

Há livros, escritos por atores e figuras mediáticas, que se tornam um sucesso, apesar da sua pouca valia literária. Não é o caso David Walliams (1971), ator britânico de comédia, conhecido pela parceria com Matt Lucas, na série *Little Britain*, e pelas intervenções hilariantes no conhecido programa *Britain's Got Talent*.

Em 2008, este comediante, com larga experiência no teatro e no cinema, tomou de assalto o mundo da literatura infantil e é, atualmente, o autor de crescimento mais exponencial em todo o mundo, com livros traduzidos em mais de 40 línguas, com vendas superiores a 8 milhões de exemplares em todo o mundo, e com um impacto retumbante na crítica, que o compara a Roald Dahl, um dos mais emblemáticos autores de sempre no género.

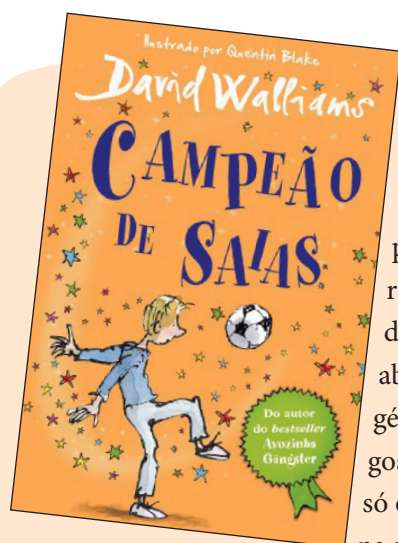
Os livros de David Walliams chegam a Portugal pela mão da Porto Editora. A exiguidade de espaço obriga-nos a considerar apenas os livros publicados em Portugal em 2017, deixando de parte títulos como *O Rapaz Milionário*, *Rato Picado*, *A Terrível Tia Alberta*, publicados em 2016.

Doutora Tiradentes contém os ingredientes literários de sucesso, suscetíveis de captar a atenção das crianças e dos adultos: uma escrita escorreita e ágil; personagens fortes e soberbamente descritas, quer física quer psicologicamente; um sentido de humor (britânico), que faz sorrir, sem subestimar a capacidade crítica do leitor, muitas vezes a raiar o *nonsense*; uma atenção às situações humanas de miséria, solidão, maldade e terror, amor e amizade, que faz com que os leitores, em algum momento, se revejam, impondo-se, assim, um certo realismo social e literário.

O argumento da narrativa é aparentemente simples, mostrando que a capacidade de sedução não reside sempre nem exclusivamente na força do argumento, mas também e, neste caso, sobretudo, na conjugação sábia de diferentes artefactos literários, como, por exemplo, o humorado terror e os alertas de múltiplas palavras e frases inventadas. As crianças que deixam os dentes debaixo da almofada para a “Fada dos Dentes”, à espera de um presente, acordam e encontram... uma aranha viva e centenas de pulgas aos saltos na cama, sendo que algo ou alguém de muito maléfico espreita nas sombras: a mamã / bruxa / dentista Tiradentes, que se apresenta como a antítese da “Fada dos Dentes”, explorando as virtualidades (para ela) e defeitos (das crianças) da falta de crença atual na magia e na imaginação: “(...) Hoje em dia, as crianças não acreditam em magia. Passam tempos infinitos a ver televisão ou a jogar videojogos. Elas já não olham para o céu. Se olhassem, viam-me a mim e ao meu gato a voarmos à noite, indo de casa em casa.” (p. 338).

Singular e comum aos outros livros do autor é a importância da família e das suas particularidades no desenrolar *We*, neste caso, conclusão da narrativa: nesta obra, o pai do pequeno herói acaba por se sacrificar para livrar o mundo da bruxa Tiradentes, não sem antes confiar o filho a quem dele podia cuidar.

Um fantástico livro, carregado de emoção, “terror” e humor que agarra o leitor da primeira à última página.



Campeão de Saias é uma deliciosa e humorística incursão pelo campo das convenções sociais de género. Dennis – é este o nome do protagonista – era diferente. «Quando se olhava ao espelho via um rapaz de 12 anos normal. Contudo, sentia-se diferente: os pensamentos dele eram cheios de cor e poesia, apesar de a sua vida ser bastante aborrecida.» (p. 9). A questão deste rapaz não passa pela definição do género, mas antes pela dinamitação das fronteiras de género: Dennis gosta de moda, lê a *Vogue*, gosta de vestir roupas de mulher, embora só o tenha feito por glamorosa insistência de Lisa, a amiga que conhece na sala de castigo da escola. A família de Denis é disfuncionalmente

masculina: vive com o pai, camionista de longo curso, e o irreverente irmão, dois anos mais velho; a mãe abandonou a casa e nunca mais dela lá se falou. Nesta casa, os hábitos, posturas e comportamentos são masculinos, com exceção de Dennis, que, à socapa, se vai passeando

vestido de mulher pela cidade, pelo supermercado e até pela própria escola até ao dia em que, o facto de gostar muito de futebol e ser o melhor jogador da escola, lhe descobrir a careca (entenda-se: lhe fazer perder a peruca).

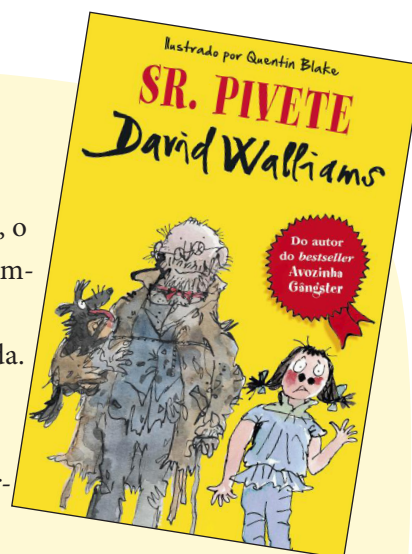
Tal «escândalo» vale-lhe a expulsão da escola, a repulsa de quase todos os colegas e a censura do pai e do irmão. Acontece que a escola tem uma final do campeonato de futebol para ganhar, coisa deveras impossível sem o seu melhor craque. Ao intervalo, a equipa da escola perde por 6 a 0. Todos os jogadores pedem ao diretor da escola que readmita Dennis, porque só ele poderá consumir a reviravolta. O diretor permanece irredutível. Mas os alunos têm uma solução na manga: entram para a segunda parte do jogo vestindo roupas de mulher: largos vestidos de noite, túnicas, vestidos curtos, e uma enorme variedade de indumentárias do guarda-roupa de Lisa. «E, por fim, Dennis saiu dos balneários – num vestido de dama de honor cor-de-rosa.» (p.163). «O diretor expulsou o Dennis por usar um vestido. Mas não nos pode expulsar a todos» (p. 165). Foi assim que se ganhou a partida de futebol e venceram-se os pré-juízos e os convencionalismos parvos. O pai tornou-se mais afetuoso, o irmão perdeu o medo a abraços, Dennis pediu desculpa à professora de francês (que ridicularizara).

Para rematar com um toque de humor, Dennis e os companheiros descobrem que, afinal, aos domingos de manhã, também o diretor vestia roupas de mulher, o que lhes dá um trunfo para retomar velhas reivindicações.

«O mundo parecia diferente.» (p. 201), conclui o narrador. E bem que podia ser sempre assim, acrescentamos nós.

Sr. Pivete é a história de uma amizade improvável entre um sem-abrigo e Chloe, uma menina de 12 anos. A família de Chloe é bizarra: a mãe tem a mania das etiquetas sociais e quer ser deputada, o pai trabalha numa fábrica de automóveis, mas está às portas do desemprego; Annabelle, a irmã, é uma miúda cheia de tiques e manias de grandeza, como a mãe. Neste ambiente, Chloe sente-se marginalizada. É neste contexto que aparece na vila um sem-abrigo e a sua cadela, que chamam muito a atenção por causa do mau-cheiro. Claro que a mãe proibira Chloe de «falar com ‘tais criaturas’». Nem sequer concordava que a filha falasse com miúdos do bairro social da zona. Mas Chloe não achava que o sr. Pivete fosse uma criatura. Considerava, isso sim, que ele era alguém que parecia ter uma história muito interessante para contar – e se havia algo que Chloe adorava, era uma boa história.» (p. 14). E, na verdade, havia uma história para contar, mas para a descobrir Chloe teve de meter conversa com o sem-abrigo, suportar o mau cheiro, passar longos momentos com ele, até o convidar para viver no barracão do seu quintal, primeiro, às escondidas, depois, às claras, intrometendo-se na vida da família, sobretudo na campanha eleitoral da mãe (que destrói), acabando por mudar a história das relações familiares a tal ponto de, já no final do relato, levar Chloe a concluir: «E o senhor deu à minha família o melhor presente de Natal de sempre. Voltou a juntar-nos.» (p. 224).

Uma história repleta de peripécias, onde abunda o humor, e até um certo *suspense* acerca dos motivos que levam alguém a viver na rua, gerando a suspeita de que as aparências iludem. E iludem mesmo!





A Incrível Fuga do Meu Avô é um livro incrível. Desde logo porque não é o avô que vem em socorro do neto, como era previsível, mas é o neto, com 12 anos de idade, que faz das tripas coração para impedir que o avô Bandeira, um ilustre piloto da Força aérea Britânica durante a segunda Guerra Mundial vá para um lar de idosos.

A verdade é que «certo dia, o avô começou a esquecer-se das coisas. A princípio, eram coisas pequenas. (...). Com o passar do tempo, o avô começou a esquecer-se de coisas mais importantes. (...) O mais surpreendente de tudo era que o avô se esquecera completamente de que era um reformado com uma idade avançada.» «Em vez de apenas contar as histórias, o avô começara a revivê-las. (...) Na sua cabeça, ele era um jovem piloto garboso ao comando do avião de caça Spitfire. Toda a gente, na vida do avô, tinha dificuldade em compreender isto. À exceção de uma única pessoa. O seu neto, Jack.» Mediante a tentativa, inicialmente cortês e depois inevitável, de colocar o avô no lar de idosos duma aldeia perto de Londres, Jack luta contra tudo e todos para que tal não aconteça, acabando por libertar o avô e por desmascarar o Sr. Banha (que afinal é o reverendo leitão), responsável pelo lar de idosos, que mais não era do que uma forma de sacar dinheiro às famílias, sem cuidar dos idosos.

A narrativa é pródiga em aventuras e peripécias que se sucedem a um ritmo que não enfadam o leitor e, de certo modo, o tornam participante do desafio enorme que é sair da realidade para trazer o avô à realidade. Na verdade, Jack, na sua relação «estranha», mas afetiva com o avô, mostra-nos como os avós podem e devem ser cuidados, independentemente das alterações familiares que o seu estado de doença ou velhice possam provocar. Jack encarna o triunfo do carinho e da ternura sobre o utilitarismo e a inevitabilidade da vida e da sociedade. E a verdade é que, ao ler este livro volumoso, compreendemos isso sem que ninguém nos dê nenhuma lição de moral ou faça qualquer discurso politicamente (in)correto.

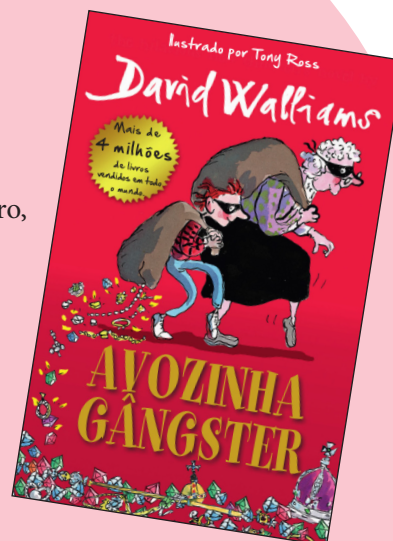
Um livro e uma narrativa absolutamente irresistível e divertida... para netos e avós! Enfim, para todos.

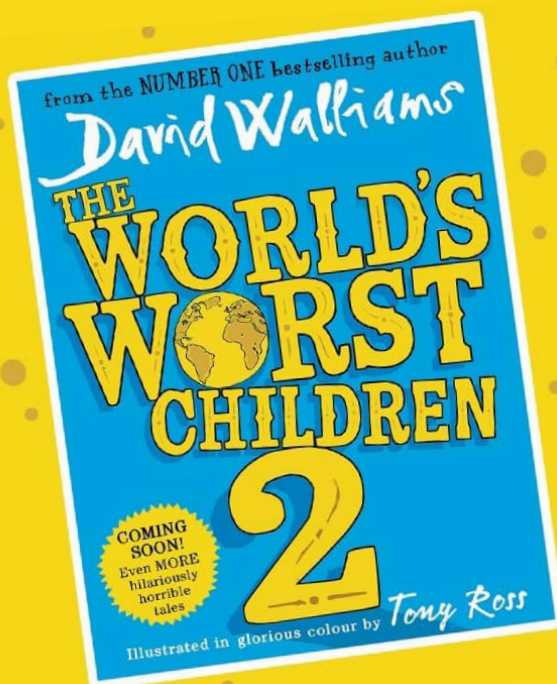
UAU!

Em *Avozinha Gangster* invertem-se os papéis. Neste livro, é a avó que se transfigura, a ponto de se tornar uma *gangster*, para captar a atenção e a benevolência de Ben, o seu neto. Esta avó é uma típica avozinha, ou seja, com cabelo branco, aparelho auditivo, cheiro (impossível) a couve, vestido florido, chinelos avermelhados, pacote de rebuçados da tosse à mão, lenço sujo enfiado na manga, casaco de malha rosado, queixo peludo, dentadura e óculos grossos. Ou seja: uma avó chata que o neto tem de “grammar” todas as sextas-feiras, quando os pais cultivam o seu amor à dança e ao dançarino Flavio Flavioli. Até ao dia em que Ben descobre uma caixa de diamantes e começa a investigar e descobre que a avó é afinal uma ladra de joias internacionalmente procurada e entregue a uma vida de crime, em que o neto se vê a participar. Ambos, avó e neto, decidem roubar as Joias da Coroa, que estão guardadas na Torre de Londres, coisa que, depois de caricatos episódios, quase conseguem, não fosse uma inesperada audiência com a própria rainha, e a descoberta por parte do neto de que, afinal, toda aquela “encenação” mais não foi do que uma tentativa de se aproximar dele e de conquistar a sua simpatia.

E conseguiu-o, porque no dia do funeral, numa cerimónia monótona e deprimente, «Ben só queria gritar. Queria contar a toda a gente – à mãe e ao pai, aos tios e às tias e a toda a gente! – como a avó era incrível. Como contava histórias espantosas! E, acima de tudo, queria contar-lhes a aventura espetacular que tinha tido com a avó, como quase tinham roubado as Joias da Coroa e como tinham mesmo conhecido a Rainha. Mas ninguém ia acreditar nele. Ben só tinha 11 anos. Iam achar que ele tinha inventado tudo.»

Um livro hilariante... para todos, pais, avós e netos!





Da leitura destes cinco livros ficam-nos algumas impressões fortes: a primeira tem a ver com o profundo sentido de humor que David Walliams empresta às suas personagens e à tessitura da trama narrativa, oscilando entre o realismo dramático do presente e o *non-sense* da postura dos seus jovens protagonistas; a segunda impressão é a de que, por norma, a famílias e os seus problemas e questões é o cenário onde se enxertam as aventuras e desventuras de todos os dramas narrados; a terceira impressão é a de que há (deve haver) uma obsessão, consciente ou não, por Raj, personagem que aparece em todos os livros e que funciona como uma instância de consolo ou de refúgio, em cujo estabelecimento (supermercado?) todos se confrontam consigo mesmos, na confusão que o carácter histriónico de Raj provoca, desarmando todos, o leitor incluído.

Boas leituras!

UAU! O FENÓMENO *David Walliams*

LEMOS, GOSTÁMOS E...



A MENINA DOS LIVROS

Oliver Jeffers: cada livro, cada surpresa. Partilhando

desta vez autoria com Sam Winston, este “A Menina dos Livros” é um livro em defesa das histórias, como se percebe desde a epígrafe de abertura: “o universo é feito de histórias, não de átomos” (Muriel Rukeyser, *The speed of Darkness*, 1968). A história, narrada na primeira pessoa, não deixa dúvidas sobre quem fala deste livro e qual o seu objetivo: “Eu sou a menina dos livros. Venho de um mundo de histórias (...) Naveguei pelo mar das palavras para te perguntar se queres vir comigo.”

Presumido que o convite foi aceite, apresentam-se um conjunto poético de razões para viajar pelas histórias (entenda-se: para ler): “vamos ter de viajar por montanhas de faz-de-conta”, “vamos descobrir tesouros na escuridão”, “perder-nos em florestas de contos de fadas e escapar de monstros em castelos assombrados”, “dormir em nuvens de canções e gritar muito alto no espaço sideral”. Feita a viagem, apresentam-se três conclusões (ou benefícios da leitura): “porque este é o mundo que nós construímos a partir das histórias... A nossa casa é uma casa de invenção onde toda a gente pode entrar. Porque a imaginação é livre”. Associada à ilustração, a afirmação final da liberdade da imaginação nas histórias parece ser a chave para ler o mundo.

Um surpreendente livro, textual e visualmente, para mostrar aos pequenos leitores por que razão é importante ler (ouvir e escrever) histórias.

Oliver Jeffers & Sam Winston (2017).
A menina dos livros. Lisboa: Presença.



NÃO ABRAS ESTE LIVRO

Um livro com um título destes é um

apetitoso desafio ao leitor, porque toda a gente sabe que o que é proibido é mais apetecido. Então, dizer “não abras este livro” quer dizer “não sabes o que perdes se não abrires este livro”. O jogo do título mantém-se no interior. O narrador tem consciência do poder irresistível do proibido e por isso repete a cada dupla página “por favor, não vires a página” e vai ficando desolado pelo facto de o leitor não lhe obedecer. Todos os argumentos são legítimos e irresistíveis: até ao amuar e deixar de falar com o leitor, até fazer queixinhas aos pais do leitor, até prometer gritar, um carro voador e, finalmente, mudar de tática e pedir para virar a página. Só no fim e de modo absolutamente surpreendente ficamos a saber a razão pela qual não se podia virar a página.

Os paratextos da contracapa (ficha técnica e breve texto explicativo das razões de origem e edição da história, entre outras) manifestam o carácter engenhoso do autor.

Andy Lee & Heath McKenzie (2017).
Não abras este livro.
Lisboa: Jacarandá.

RECOMENDAMOS.



DAMIÃO, A TOUPERIRA FURACÃO

Damião, a toupeira furacão é uma história sobre as tribulações que vive e provoca nos outros um hiperativo: “corre para cima e para baixo, mexe em tudo e nunca se lembra de onde deixou nada. É um cabeça no ar, perde as coisas, estraga-as... Salta constantemente de uma atividade para a outra. Não consegue controlar a sua energia... Parece que tem turbo.” A intervenção da professora e a preocupação dos pais encontram solução numa feiticeira do bosque, especialista em terapias criativas para crianças difíceis que, pouco a pouco, vai acompanhando Damião até este começar a passar cada vez mais tempo quieto e sentado na cadeira, a fazer coisas cada vez mais complexas e elaboradas. Berta, a feiticeira, acaba por dizer-lhe: “a tua energia é como este comboio... só precisa de um carril, para não descarrilar. E o teu carril é procurar aquilo que mais gostas de fazer, a tua paixão (...) Na verdade, não há nada de errado contigo. És maravilhoso tal como és.” Seguindo este conselho, Damião descobre a sua paixão e surpreende todos na apresentação do seu trabalho de final de ano no último dia de escola. Uma bela articulação entre texto e ilustração, com inteligentes notas paratextuais. Um belo livro para desmistificar alguns mitos e preconceitos sobre a hiperatividade e questões conexas.

Anna Llenas (2017).
Damião a toupeira furacão.
Lisboa: Nuvem de Letras



A TROTE E A GALOPE – POESIA PARA A INFÂNCIA

Neste livro, reúnem-se 16 anos de produção poética de Nuno Higinio. Desde *O menino que namorava paisagens e outros poemas*, de 2001, passando por *Versos Diver-sos*, de 2008, *Crianças todos os dias*, de 2011, *Daqui do Mar eu vou-te contar*, de 2013, e culminando em *Versos a trote e a galope*, aqui publicado pela primeira vez, sem esquecer os poemas publicados em coletâneas bem como alguns inéditos dispersos.

Com belíssimas gravuras de Alberto Pêssimo, esta volumosa antologia de 150 páginas, oferece uma visão do conjunto da singularidade da poesia para infância de Nuno Higinio, caracterizada por um excesso de ternura e de lisura vocabular, numa polifonia metafórica surpreendente a vários títulos. Importa dizer que a edição de uma antologia deste tipo, com estas características, além de constituir um ato de coragem editorial, é bem capaz de ser um evento absolutamente significativo para a poesia que se “faz” para a infância, em Portugal.

Nuno Higinio & Alberto Pêssimo (2017).
A trote e a galope – Poesia para a infância.
Lavra: Letras & Coisas.



LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.

APROVEITA E EXPLORA

DICAS DE ESCRITA

Como “fazer” um poema?

Rimar?

“Professora, preciso de uma palavra que rime com *cordão*, pode ser *campeão*?”

“Claro que não! Não se faz um poema assim!”

Explicou-nos que campeão é aquele que escreve um poema ao sabor do prazer e da emoção

E só no fim o vai rever e aperfeiçoar, até ele tilintar.

Tilintar?!

Sim, pode rimar, mas há versos brancos,

que de tão claros, nos deixam livres

para exprimir as ideias sem as cintar.

Cintar?!

Sim, às vezes, a rima é como os cintos apertados, que não deixam as pessoas respirar.

Digam lá se não dava jeito este poema continuar com a rima a terminar sempre em *ar*?

Mas não! Entendemos a lição: ficámos a saber como se ouve e se respira um poema.

Teresa Guedes, Real...mente.
(Editorial Caminho, 2005, p. 33)



Este poema de Teresa Guedes (1957-2007) oferece um caminho, uma via para aprender a tornar-se poeta, escrevendo poesia. Nele, podemos identificar 3 passos para a escrita deste tipo de texto:

1 - Ao sabor do prazer e da emoção

Assim mesmo!

Robert Frost escreve que «a poesia acontece quando uma emoção encontrou o seu pensamento e o pensamento encontrou as palavras». A emoção, o que sentes, o que te comove, o que te magoa, também o que te alegra, é o ponto de partida para a poesia, é a matéria-prima do poema. Não tens de te preocupar, nesta fase, com o modo como escreves, o importante é escrever... naturalmente, como te recomenda John Keats,

quando escreve: «Se a poesia não surgir tão naturalmente como as folhas de uma árvore, é melhor que não surja mesmo».

Numa palavra: a primeira etapa, na “construção” de um poema é escrever... naturalmente, escrever como te apetecer, o que te nascer do coração e vier à cabeça.

2 - Rever e aperfeiçoar

No fim, depois de escreveres ao sabor do prazer e da emoção, é preciso “cuidar” do que escreveste.

Tens de analisar e ver se o que escreveste tem sentido e corresponde ao teu pensamento: ver se a «emoção encontrou o seu pensamento». Se o sentido do que escreveste “casa bem” com o teu coração, a emoção que experimentaste. Se sim, dás outro passo... Analisas as palavras que escreveste, procurando compreender se são as melhores ou poderás encontrar outras, sem esqueceres o que te recomenda Pedro A. Rosado: «Na poesia... a ordem das palavras é a ordem do teu coração».

Podes ainda tentar verificar se, como diz Samuel Coleridge, escreveste «as melhores palavras na melhor ordem» e não só palavras na sua melhor ordem, como num texto em prosa.

O poeta catalão Miquel Desclot (1952) explica o que significa esta atenção às palavras através de uma comparação muito engraçada:

Os saltimbancos do circo só nos emocionam quando atuam na pista, executando os malabarismos extraordinários que só eles sabem fazer. Ao contrário, quando fazem o que toda a gente pode fazer, como estrelar um ovo ou comprar um jornal, os saltimbancos são tão pouco emocionantes como qualquer outra pessoa (como tu ou como eu).

Do mesmo modo, as palavras não nos emocionam quando se comportam de modo ordinário (como, por exemplo, para pedir uma borracha emprestada). Todavia, quando estas mesmas palavras adotam um comportamento extraordinário (quer dizer, quando as palavras fazem piruetas artísticas na sua pista), começam a emocionar de uma forma assombrosa. À pista onde as palavras atuam como saltimbancos surpreendentes chamamos poesia.



3 - Até ele (poema) tilintar

Verificado o sentido e a ordem das palavras, tens de preocupar-te agora com que o que escreveste capte a atenção do leitor e isso faz-se... fazendo o poema tilintar, isto é, deixando que o poema chame a atenção dos ouvidos do leitor.

A maneira mais comum de fazer um poema tilintar é a rima, mas tens de ter em atenção que a rima não deve “atrapalhar” o trabalho que já fizeste com o sentido e a ordem das palavras. Além disso, verás que, com o tempo, será mais fácil fazer rimar os versos. Não te esqueças que, como refere Teresa Guedes, no poema inicial, «pode rimar», pode, mas não é absolutamente necessário: «Sim, às vezes, a rima é como os cintos apertados, / que não deixam as pessoas respirar».

Outra forma de fazer o poema tilintar é colocar ritmo nas palavras ou nos versos, através do modo como fazes a pontuação, como distribuis os versos, como repetes algumas palavras (ou até algumas letras), entre outras! O ritmo do poema é tão importante que Edgar Allan Poe disse que «a poesia é a criação rítmica da beleza em palavras». Uma forma de perceberes se o poema que escreveste tem ou não ritmo é lê-lo em voz alta e ver se a respiração flui e coincide com o sentido que queres dar ao texto.

E pronto!

Se seguires cuidadosamente estes passos é possível que tenhas escrito um poema! Mas é possível que não te tenhas tornado um poeta! Tens de continuar a escrever, a namorar as palavras, a limpar outras, tens de te tornar, como sugere Álvaro Magalhães, um «limpa-palavras».

Para te tornares um poeta, talvez seja útil o conselho do poeta Sebastião da Gama (1924-1952), no seu Diário:

O Poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: “É preciso saber olhar...” E pode ser, em qualquer idade, ingénuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos... E levanta uma pedra escura e áspera para mostrar uma flor que está por detrás...

E perde tempo (ganha tempo...) a namorar uma ovelha... E comove-se com coisas de nada: um pássaro que canta, uma mulher bonita que passou, uma menina que lhe sorriu, um pai que olhou desvanecido para o filho pequenino, um bocadinho de sol depois de um dia chuvoso... E acha que tudo é importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começam desta maneira “O segredo é amar...”



Viva a poesia!

Como “fazer” um poema?

EXTRA!

EXTRA!

SAIU NA IMPRENSA

João Manuel Ribeiro

JORNAL DE NOTÍCIAS

Visita guiada a Fátima em livro para crianças

APARIÇÕES Uma visita guiada pelos locais mais emblemáticos da Cova da Iria é o que propõe o novo livro infantil "Fátima no coração", da autoria de João Manuel Ribeiro, que vai ser apresentado no âmbito das comemorações do Centenário das Aparições e da Peregrinação das Crianças.

"O que se pretende é que o público infantojuvenil se sinta convidado a explorar e a descobrir Fátima, em todas as suas dimensões", afirma o escritor, que tem já 40 obras publicadas, dirigidas aos mais novos.

A publicação, ilustrada pela artista Boleto, conta a história de três amigos que vão passar uma semana de férias a casa avó e aproveitam esse período para descobrir os locais percorridos pelos três pastoresinhos, "Guiados em cada dia por uma 'pista' bíblica, vão descobrir a importância e o significado

de vários locais de Fátima, como a Capelinha das Aparições, a Bandeira de Nossa Senhora do Rosário, onde se encontram os restos mortais dos videntes, ou a Igreja do Santuário de Fátima.

Depois da edição de "A Missão do Francisco", de Maria Teresa Maia Cruz, este é o segundo livro para o público jovem lançado pelo santuário. "Estamos seguros de que Fátima se oferece como pedagogia para a alegria de Deus através das mãos maternas de Maria. É o que desejamos que este livro ajude a desvelar", sublinha o teólogo e diretor do Serviço de Registos do Santuário, Pedro Válio Gomes. **RAMONCA PEREIRA**

COMPANHIA DOS LIVROS, JN



PÚBLICO



PÁGINA 2, RTP



CANELA & HORTELÂ



INFOCUL.PT



PAIS & FILHOS



PORTO CANAL



A PALAVRA É TUA!

Pequenos grandes escritores

Nesta rubrica, damos vez e voz aos pequenos grandes escritores. Em cada n.º de «A Casa do João», no **Passatempo do trimestre**, será proposto um ou vários desafios de escrita. Basta cumprir as indicações e enviar para acasadojoao2017@gmail.com.

Nós selecionaremos os melhores e publicamo-los aqui.

Desta vez, porque não havia passatempo, pedimos ajuda à Prof. Natércia Vilariça, do Agrupamento de Escolas Escultor António Fernandes de Sá, em Vila Nova de Gaia, onde se fazem uns belos projetos de escrita que deixamos aqui.

Boas leituras!

Poema a Manuel António Pina

Quem és tu, poeta
que fazes arte
das palavras?

Quem és tu, poeta
que me fazes rir
quando eu quero chorar.

Quem és tu, poeta
que me fazes escrever
pelo papel fora.

Quem és tu, poeta
que brincas e rebrincas
nos teus poemas.

Quem és tu, poeta
que constróis um mundo
de palavras para mim?

Eu sei quem tu és,
pois eu já vivi no teu livro
de palavras e senti o palpar
do teu coração e o arranhar
da tua caneta!

Marta Silva e Tomás Laço

As palavras grávidas

Na cabeça sempre a borbulhar
Casa, asa, mar, ar, boa vista, ecoponto, ponto.
Tantas, tantas que não dá para parar.
Em grávida temos a vida
Que palavra maravilhosa
Pensamos na nossa mãe
Que é tão carinhosa
No ecoponto deitamos o lixo
Às vezes que confusão
Verde, Amarelo, Azul
Vidro, plástico, papelão
Mas os pontos não acabam aqui
Nos textos estamos sempre a encontrar
De interrogação, exclamação, final eu sei lá
Todos são importantes para estudar
A professora diz:
-Meninos chegou a Primavera!
A Prima ou a Vera?
Olhamos uns para os outros
e ficamos à espera.
Destas palavras engraçadas
Muito havia para dizer
Mas amigos um conselho vos dou
O melhor é continuar a escrever e a aprender

Ana Carolina Fonseca Dourado



Sou uma brisa que voa livremente.
Tenho tantas ideias em mente.
Mil e uma histórias vivi,
Talvez possa contar uma a ti.

Viajei até junto do mar.
Às ondas eu me fiz anunciar.
Juntas percorremos a sua imensidão,
Com o céu por companhia, não sinto solidão.

Soprei suave numa tarde de verão,
Levei comigo o aroma dos frutos da estação.
Da melodia dos pássaros me fiz acompanhar,
Inspirei o poeta e ajudei-o a criar.

Chegada a noite, era hora de deitar,
De pôr as crianças a sonhar,
Relembrando histórias de encantar.
Embalei-as até o dia começar.

Mariana Barbosa

A POESIA, SEGUNDO ALICE VIERA

O que é a poesia?

A poesia, apesar de se fazer com palavras, está muito para além delas. É aquilo que essas palavras conseguem levar e depositar no nosso coração. E para que isso aconteça, não é preciso que sejam palavras complicadas, frases elaboradas, rimas perfeitas. (como verás, muitos (...) poemas nem sequer rimam). É outra coisa. Que não se consegue nomear, mas que se sente. Na poesia podemos não entender tudo, podemos nem entender nada. Mas, sem sabermos como, ela fica em nós.

Quem pode escrever poesia?

Não há uma maneira única de escrever poesia. Há quem, através da poesia, conte uma história; há quem recorde um pequeno pormenor que lhe chamou a atenção; há quem evoque cenas familiares; há quem escreva sobre um cheiro ou um olhar; há quem, muito simplesmente, brinque com as palavras e os seus sons.

Sobre que pode escrever-se poesia?

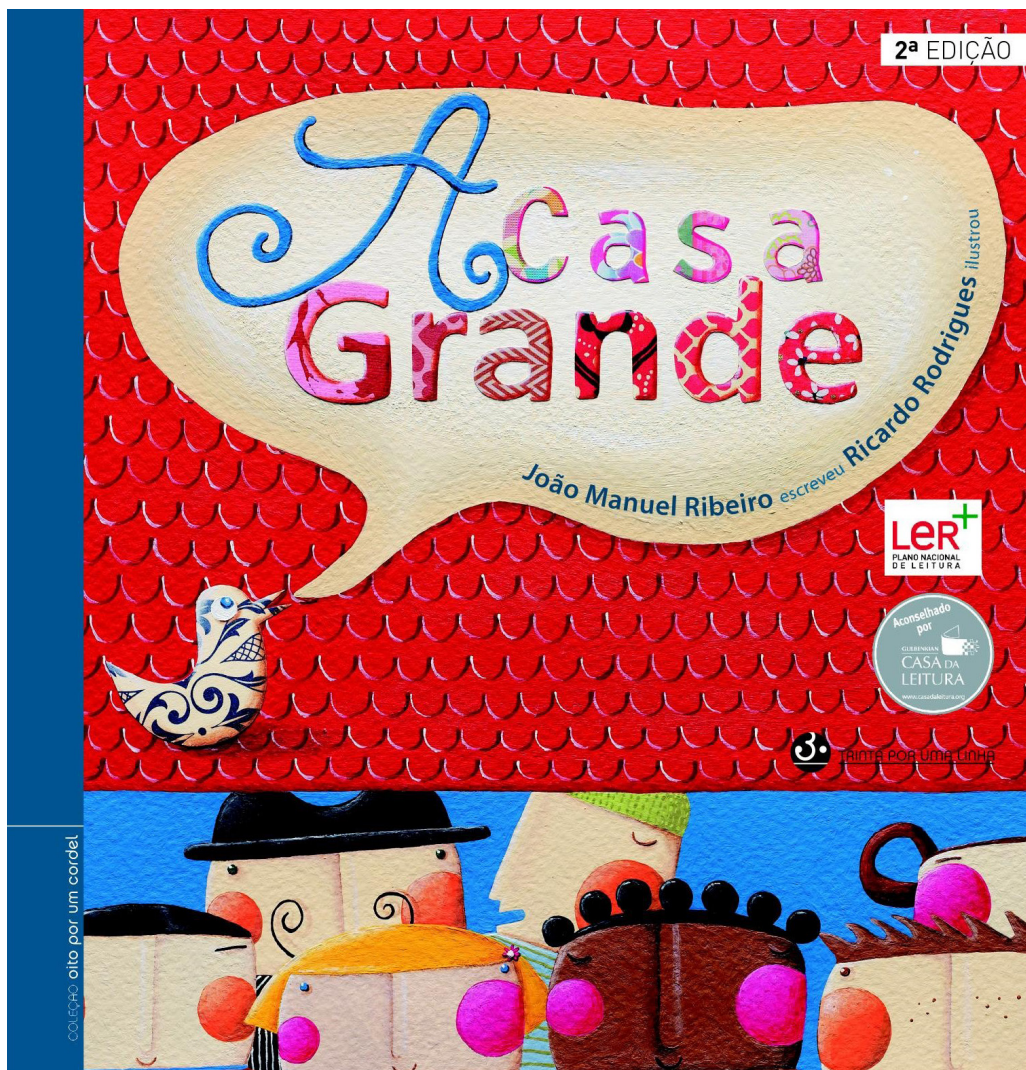
Há poemas sobre animais, sobre pessoas, sobre sentimentos, sobre a natureza. Há poemas sobre fadas, sobre pastores, sobre crianças e velhos. Há poemas sobre uma rua, sobre uma casa, sobre uma pedra que de repente se encontra a meio do caminho. Há poemas sobre a tristeza e sobre a alegria. E podemos rir e chorar com eles. Pode-se escrever um poema a propósito de tudo. Não há temas melhores ou temas piores: há a arte de saber escrever a seu respeito de uma maneira criativa, ou seja, de uma maneira que seja só nossa.

Como pode escrever-se poesia?

É claro que as palavras são as que se encontram no dicionário: a arte está no modo como as usamos e as misturamos e como (por vezes) reinventamos as regras da gramática. Às vezes criam-se realidades novas. Outras vezes iluminam-se as coisas simples e conhecidas dando-lhes uma dimensão diferente da habitual.

(Excerto(s) do Prefácio de Alice Vieira no livro “O meu primeiro Álbum de Poesia”)





A Casa Grande - Sinopse do livro

Em *A Casa Grande*, João Manuel Ribeiro apresenta-nos um Manifesto de Cidadania. Aborda temas plurissignificativos como as diferentes línguas, latitudes, culturas, cores e crenças religiosas. O escritor apela aos pequenos leitores e «(ainda) [...] meninos de verdade» à prática e partilha de sentimentos como o amor, a verdade e o perdão. Convida-os a participar neste desafio que é o combate pela conquista de uma linguagem universal, nova e comum a todos aqueles que respeitam a diferença. *A Casa Grande* é um álbum metafórico onde se pode aprender a ser um maiúsculo cidadão que sonha sem medo de envelhecer e vive com intensidade. As ilustrações de Ricardo Rodrigues, de uma forma particularmente feliz, recriam os momentos-chave do texto, assim como contemplam aspetos que a componente verbal não inclui, enriquecendo-a. Para o conseguir, o ilustrador socorre-se de uma linguagem plástica com recurso constante às cores fortes e contrastantes, à colagem (ainda que subtil) para a simulação de padrões de vestuário, em associação com os diferentes pontos de vista que se podem ler em cada página assim como na sua leitura sequencial. O resultado é um livro de fruição fluida, rico de informação cromática e formal diversificada, ao mesmo tempo organizado de modo expressivo, variado e equilibrado, aspeto para o qual o *design* e as opções gráficas da publicação em muito contribuíram.

Gabriela Sotto Mayor [Casa da Leitura]



PARTICIPA NISTO!

Passatempo do trimestre

Em todos os números de *A Casa do João* ser-te-á proposto um passatempo: umas vezes terás de escrever (histórias, contos, poemas, etc.), outras terás de escrever e desenhar, outras terás, ainda, de apreciar ou comentar um texto, entre outras coisas...

Os melhores trabalhos serão publicados na revista e as escolas receberão livros de oferta (oferecidos pela *Trinta Por Uma Linha*).

Cada passatempo terá as suas regras de participação.

Proposta de trabalho:

1. Lê o livro *A Casa Grande*.
2. Escreve um Conto breve (entre 250 e 1250 palavras) sobre algum dos temas propostos no livro...
3. ...Ou redige um Manifesto de Cidadania (entre 250 e 1250 palavras) em que digas como gostarias que ser Cidadão da Casa Grande.

para
escolas

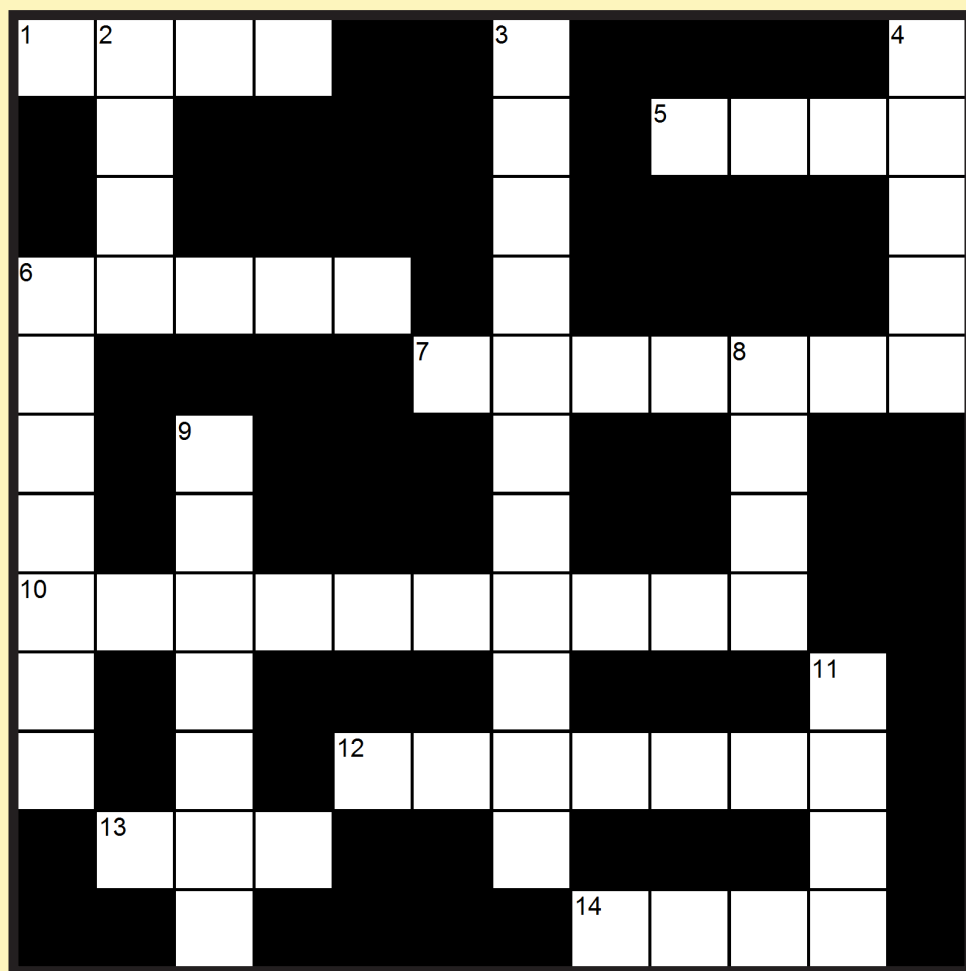
Regras de participação:

1. O Conto Breve tem de ser individual (não de grupo).
2. O Manifesto Cidadania pode ser grupal ou até de uma turma inteira.
3. Os trabalhos devem vir identificados com o nome do aluno ou alunos ou da turma, conforme os casos e indicar ainda o nome da escola e respetivo agrupamento.
4. Os trabalhos devem ser enviados:
 - em pdf
 - até ao dia 18 de dezembro de 2017
 - para: acasadojoao2017@gmail.com
5. O envio dos trabalhos pressupõe a autorização de publicação dos mesmos na revista.
6. Os vencedores só serão conhecidos aquando da publicação do n.º seguinte da revista.
7. A oferta de livros será sempre feita à escola e nunca aos alunos.

Dica para os professores:

1. Sobre o livro podem encontrar informações em joaomanuelribeiro.pt
2. Há mesmo um *Guia de Exploração* do livro em:
<http://joaomanuelribeiro.pt/wp-content/uploads/2017/07/acasagrande.pdf>

PARTICIPEM!



HORIZONTAIS:

- 1 - 'A (...) do João', livro de João Manuel Ribeiro (escreveu) e João Vaz de Carvalho (ilustrou).
 5 - «O (...) de grão e feijão de pano de serapilheira, guardado no celeiro, era uma gulosa tentação para o rato tendeiro».
 6 - A dona do gato malhado que «vinha gatarrar a Casa do João».
 7 - O velho e fiel cão bravo.
 10 - É um tipo de texto transmitido de geração em geração, constituído por palavras que geralmente rimam e com muitas repetições, conferindo-lhe um carácter musical que facilita a rápida memorização.
 12 - «A dormir, a menina (...) parece um anjo de pijama».
 13 - Plano Nacional de Leitura (sigla).
 14 - «Certo (...) em água fria escaldado não gostava nada, mesmo nada de ser vendido por lebre, o danado».

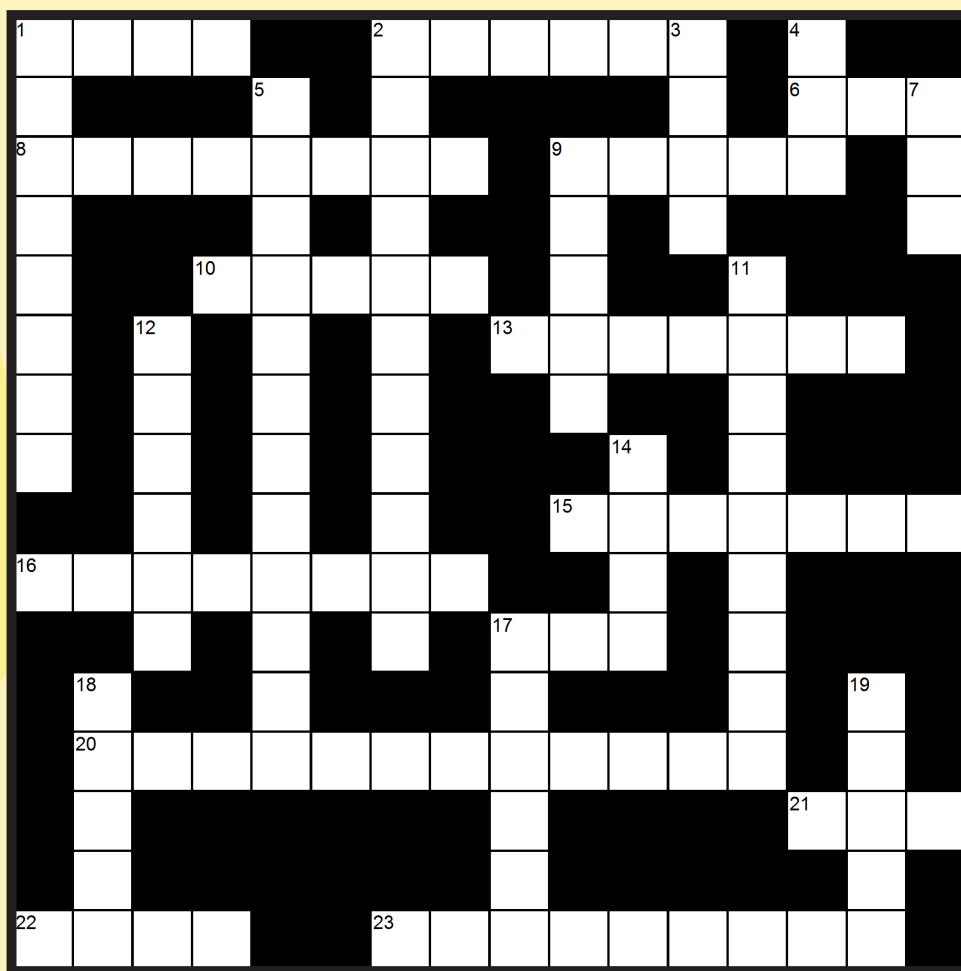
VERTICAIS:

- 2 - «A (...) do Banzé», título de um dos poemas do livro 'A Casa do João'.
 3 - «As minhas botas de cano alto são para o meu cão (...) castelos com torres de sobressalto que o tornam um bravo guerreiro».
 4 - «Que está no meio da rua? – Um (...) a ladrar à lua».
 6 - Nome da bruxa malvada, «quer roubar os nossos sonhos».
 8 - «Co'a breca! Co'a breca! Aqui há gato de meia (...)» (é o mesmo que dizer «aqui há gato de baixa estatura»)
 9 - «A minha gata (...) ao sol, carregada de preguiça mole».
 «(...) ratinho, ratão – nem apaixonado pela carochinha nem cozido e assado no caldeirão».



PARA BRINCALHARES

brinca com as palavras



HORIZONTAIS:

- 1 - 'A (...) do João', livro de João Manuel Ribeiro (escreveu) e João Vaz de Carvalho (ilustrou).
- 2 - Sinónimo de «tranquilo».
- 6 - «A minha gata ronrona ao (...), carregada de preguiça mole».
- 8 - Sinónimo de «merceeiro».
- 9 - «Co'a (...)!», exclamação que exprime espanto ou descontentamento.
- 10 - Conjunto de ervas, por vezes altas.
- 13 - «Meter o Rossio na (...)», a palavra em falta nesta expressão que significa «fazer algo impossível, como meter uma coisa grande num espaço pequeno», é sinónimo de viela (rua estreita).
- 15 - Espécie de ave galinácea pequena.
- 16 - Indivíduo alegre, folião.
- 17 - «Mas não sabe da fome do rato comilão e do dente afiado que lhe dá o (...)».
- 20 - Que comeu demais, cheio ou enfartado.
- 21 - «A minhoca vai prò (...)».
- 22 - «Uma casa onde há cão, onde há gato, onde há (...) e um saco de grão e feijão».
- 23 - Sinónimo de rude, violento ou tempestuoso.

VERTICAIS:

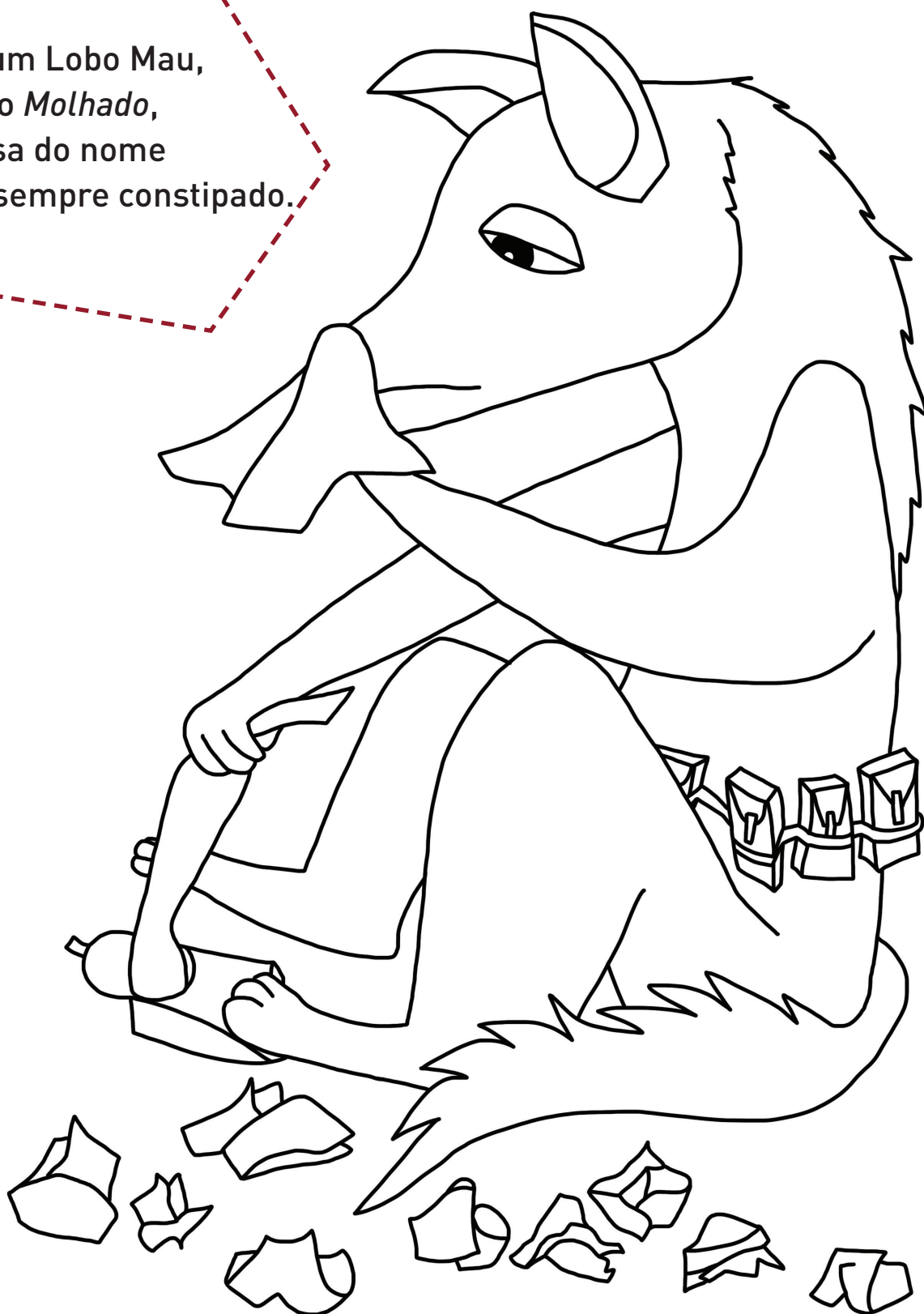
- 1 - Interjeição que imita o som de uma queda repentina.
- 2 - Cão que caça, principalmente, perdizes.
- 3 - Composições poéticas.
- 4 - «Que está na casa? – Um grão na (...)».
- 5 - Tecido grosseiro para envolver fardos, fazer sacos, etc.
- 7 - «Que está no meio da rua? – Um poeta a ladrar à (...)».
- 9 - Pequena embarcação, geralmente fluvial.
- 11 - Sinónimo de «irritado».
- 12 - Pequena festa ou banquete.
- 14 - «Certo (...) em água fria escaldado não gostava nada, mesmo nada de ser vendido por lebre, o danado».
- 17 - Acinzentados.
- 18 - Espaço pequeno.
- 19 - Sinónimo de «carícia».

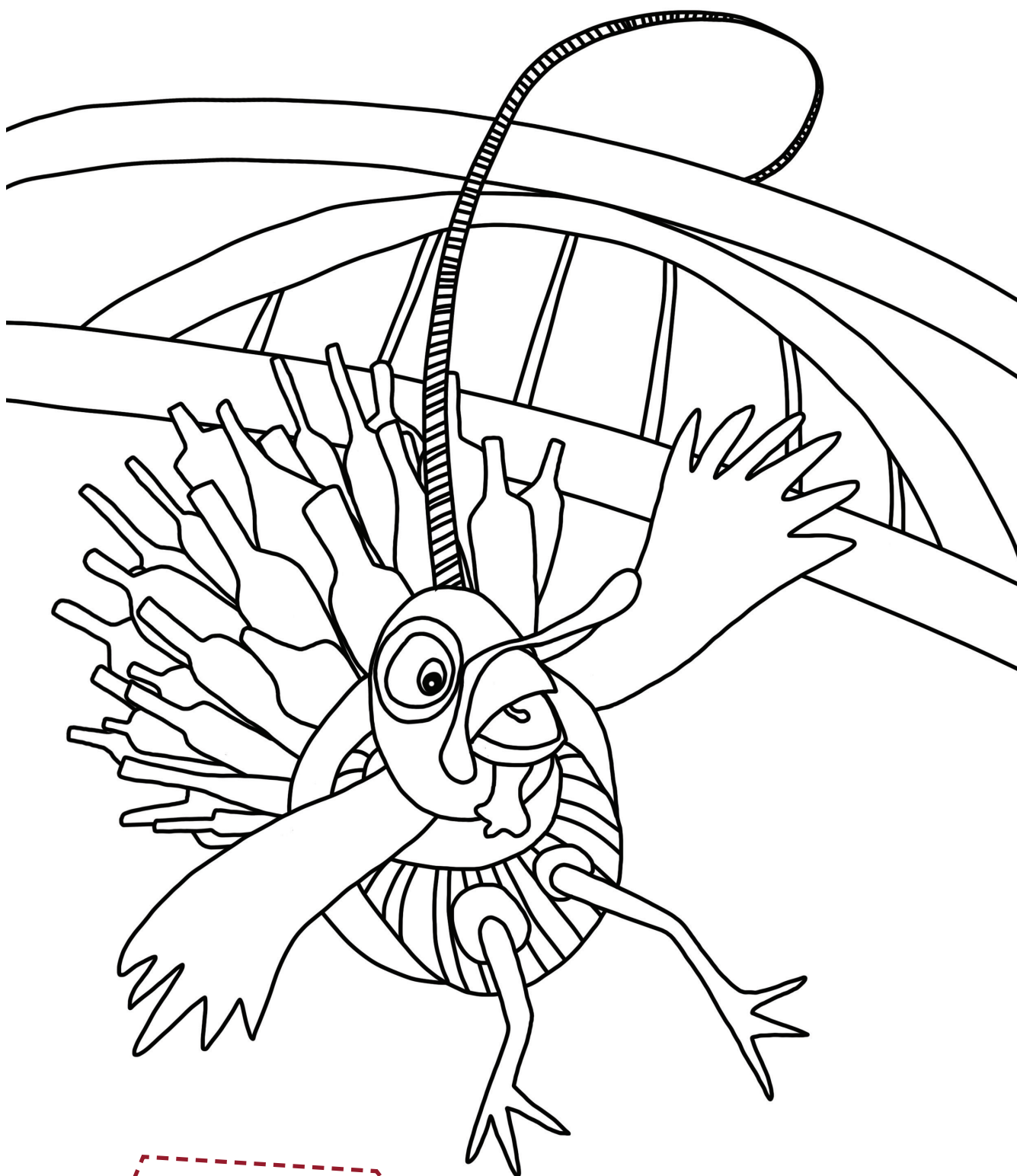


PARA BRINCALHARES

pinta como te apetecer

Eu tive um Lobo Mau,
chamado *Molhado*,
por causa do nome
andava sempre constipado.





Eu tive um Peru,
chamado *Romeu*,
bebeu tanto tinto
que entonteceu.

Quadras: João Manuel Ribeiro
Ilustrações: Gabriela Sotto Mayor

JORNADAS LITERÁRIAS

No âmbito do *10 de Letra*, realizaram-se na Fundação Eng. António de Almeida, no Porto, a 28 de outubro, as *Jornadas Literárias* subordinadas ao tema *Para que serve a literatura?* e que contou com a presença do escritor Bruno Vieira Amaral, do escritor e jornalista do JN, Sérgio Almeida e do escritor e jornalista da RTP, João Fernando Ramos, moderados por João Manuel Ribeiro. Nestas Jornadas Literárias foi apresentado este número inaugural da Revista de Literatura infantil e juvenil: *A Casa do João*.

TERTÚLIAS NA VELHOTES

A Livraria Velhotes, em Vila Nova de Gaia, acolherá de outubro de 2017 a maio de 2018, sete *Tertúlias* dedicadas às múltiplas questões da literatura para a infância e juventude. As Tertúlias serão aos sábados, das 15.30 às 17.30 horas, com a presença de poetas, escritores, músicos, jornalistas, nacionais e estrangeiros, e curadoria de João Manuel Ribeiro, nos seus 10 anos de vida literária.

10 DE LETRA - - RUBRICAS NO FACEBOOK

João Manuel Ribeiro está a assinalar 10 anos dedicados à literatura e ao longo dos próximos meses o mote é a celebração. Para isso nada melhor do que comunicar com os leitores. De diversas formas e tipos, estão reservadas para os próximos meses várias atividades que vão desde a publicação de entrevistas ao autor, na rubrica “Entre Aspas”; testemunhos de amigos, escritores e leitores, na rubrica “Aspas Angulares”; passando pela leitura de poesia, na rubrica “Poemário” e pela rubrica “JMR responde--te...”, entre outras que serão anunciadas em breve.

EDIÇÕES NO ESTRANGEIRO

O livro *Meu avô, rei de coisa pouca*, depois de publicado, em 2016, em Espanha, pela Hércules de Ediciones, será publicado brevemente em Itália, pela Tuga Edizioni, e na Eslovénia, pela editora Malinc. A Hércules de Ediciones publicará brevemente mais dois títulos de João Manuel Ribeiro: *O senhor Pésimo é o Máximo* e *A Casa Grande*.

O BLOGUE ANDANÇAS DO POETA

Andanças do poeta (andancasdopoeta.blogspot.com) é o blogue do escritor, poeta e andarilho João Manuel Ribeiro, com várias rubricas diárias, como “Às terças, há poesia...”, “Dicas de Leitura”, às quintas-feiras, “Livro da Semana – Sugestão de Leitura”, às sextas-feiras, “Poemas pela paz”, aos sábados.

Outras boas Notícias

PRÊMIO NACIONAL DE LIJ DE ESPANHA

Antonio GarcíaTeijeiro, poeta de Vigo, Galiza, acaba de ser brindado com o Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil de 2017, pelo seu livro *Poemar o Mar*, prémio atribuído, pelo Ministério da Cultura de Espanha desde 1978.

OS DIREITOS DAS CRIANÇAS

O Centro Cultural de Amarante / Centro Unesco de Amarante dedica o ano de 2018 aos *Direitos das Crianças*, estando na forja uma antologia poética e um encontro de LIJ sobre o tema. Boa iniciativa para um Centro Unesco!

GUADALAJARA 2018

Portugal é o país convidado da **Feira do Livro de Guadalajara** (México) 2018, a maior Feira do Livro da América Latina. Será uma oportunidade para dar a conhecer a Literatura Portuguesa naquele continente!

FILHOS E CADILHOS

Filhos e Cadilhos é um programa do *Porto Canal* dedicado à parentalidade, com duração de 50 minutos, emitido aos sábados, pelas 11h. Semanalmente, o programa aborda todas as questões relacionadas com a gravidez, recém-nascidos e crianças: saúde, alimentação, roupa e acessórios, puericultura, primeiros cuidados com o bebé, etc., contando com uma série de rubricas fixas, bem como com um conjunto de convidados e reportagens que se vão alterando de programa para programa. A apresentação é da jornalista e mãe (babada) Mariana D'Orey.

história para rir

TAL PAI, TAL FILHO

Certo pai babado, tendo o seu filho recém-nascido nos braços, quis mostrá-lo ao enteado:

– Vê como é bonito, o teu irmão!

O rapaz olhou, pasmado, o recém-nascido.

– É parecido com a tua mãe e contigo...! – acrescentou o pai.

– Isso é que não é! – protestou o rapaz. – Careca? Sem dentes? E com rugas? Cuidado! Enganaram-no...

Impingiram-lhe um em segunda mão.



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CCCI

Centro UNESCO de Amarante
Amarante UNESCO Center



ISSN 2184-1233



9 772184 123004 >